

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB

NAYANA CAMURÇA DE LIMA

NEM LOBA, NEM CORDEIRA:

Um estudo sobre as universitárias acima dos 40 anos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção/CE.

Redenção

2015

NAYANA CAMURÇA DE LIMA

NEM LOBA, NEM CORDEIRA:

Um estudo sobre as universitárias acima dos 40 anos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção/CE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. : **Vera Rodrigues**

Redenção
2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

L696n Lima, Nayana Camurça de.

Nem loba, nem cordeira: um estudo sobre as universitárias acima dos quarenta anos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção (CE). / Nayana Camurça de Lima. Redenção, 2014.

66 f.: 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Vera Regina Rodrigues da Silva.
Inclui Referências, Apêndices.

1. Mulheres. 2. Autonomia universitária. 3. Relações homem-mulher. I. Título

CDD 300

NAYANA CAMURÇA DE LIMA

NEM LOBA, NEM CORDEIRA: UM ESTUDO SOBRE AS UNIVERSITÁRIAS ACIMA
DOS 40 ANOS NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado
Interdisciplinar em Ciências Humanas do
Instituto de Humanidades e Letras da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito
parcial para a obtenção do Título de
Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. : **Vera Rodrigues**

Aprovado em ____/____/____,

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. **Vera Regina Rodrigues da Silva** (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. **Jacqueline Britto Pólvora** (Examinadora 1)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. **Violeta Maria de Siqueira Holanda** (Examinadora 2)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho só foi possível com a colaboração de quatro mulheres fortes, guerreiras e determinadas: “Diana”, “Maria” e “Vânia”, são os nomes fictícios de minhas três interlocutoras, que com muita atenção reservaram um pouco do seu tempo em suas rotinas atribuladas, para contar-nos suas histórias de superação e de luta. A quarta mulher que gostaria de agradecer é minha orientadora profa. Dra. Vera Rodrigues pelo seu apoio e incentivo ao meu crescimento acadêmico, uma mulher que também tem uma trajetória marcada por grandes vitórias na qual me espelho. E finalmente, a todos e todas que de forma direta ou indireta contribuíram para a minha formação. Muito obrigada!

RESUMO

Traçamos aqui uma linha do tempo da história do apagamento e subordinação da mulher sob a perspectiva de Simone de Beauvoir dialogando com Engels a respeito das mudanças ocorridas com a inserção do sexo feminino no mercado de trabalho. Prosseguimos com a visão de Naomi Wolf, agora demonstrando que depois de muitos ganhos no campo de inserção ao consumo, outro tipo de freio a seu avanço na luta pela igualdade de gênero foi criado, dessa vez o da aparência, desvalorizando sua imagem natural e as marcas do tempo em seus corpos. O envelhecimento tornou-se um estigma, principalmente quando confrontado com seu oposto, agora em referência aos estudos de Goffman sobre o tema. A inserção de mulheres na meia idade em um espaço marcadamente juvenil como a universidade traz, pois diversos conflitos que serão por fim evidenciados através do depoimento de três universitárias acima dos quarenta anos de idade.

Palavras-chave: mulher, meia idade, universidade.

ABSTRACT

We draw here a timeline of the history of deletion and subordination of women from the Simone de Beauvoir perspective dialoguing with Engels regarding changes that happened with the female insertion in the labor market. We proceed with Naomi Wolf's vision now demonstrating that after many gains in the input field to the consumer, another type of brake to the advance in the fight for gender equality was created, this time the appearance, devaluing the natural image and brands time in their bodies. Aging has become a stigma especially when confronted with the opposite, now in reference to Goffman studies about the subject. The inclusion of women in middle age in a markedly youthful space as the university provides various conflicts that are finally evidenced by the testimony of three universities over forty years old.

Keywords: woman, age, university.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 SER MULHER.....	12
1. Trajetória.....	12
2. Lutas e conquistas.....	16
2 SER MULHER NA MEIA IDADE.....	20
2.1. Construção de uma aparência ideal feminina.....	20
3 SER MULHER NA MEIA IDADE E UNIVERSITÁRIA.....	27
3.1. A mulher no ensino formal.....	27
3.2. Universitária na meia idade.....	30
3.3. A universidade e as vozes das universitárias.....	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O interesse de pesquisar as relações das mulheres na meia idade com seus conflitos dentro do universo acadêmico surgiu quando da minha entrada aos 25 anos na universidade, julgada tardia por familiares, e sentida, ao nível pessoal, ao constatar que a maioria dos colegas de sala eram mais jovens. Com isso, a indagação de como seriam essas sensações para mulheres que estavam com mais idade começou a virar a possibilidade de ser objeto desta pesquisa de conclusão de curso.

Tornou-se então necessário delimitar a faixa etária a qual iríamos nos concentrar. A meia idade com seus diversos termos como, idade da loba, geração sanduíche, maturidade, será a fase que nos deteremos, pois está marcada por conflitos ditos intrínsecos à idade como o aparecimento de uma crise, além de carregarem o estigma que a aparência traz com a aproximação da velhice em ambientes sociais predominantemente jovens.

Nas pesquisas bibliográficas realizadas para o trabalho, constatou-se que para essa fase da vida existem muitos estudos a respeito das mudanças hormonais dessa faixa etária, estudos na área da saúde feminina, mas como declara BRITTO DA MOTTA (2013, p.14): “mulheres na maturidade são personagens de referência escassa na produção sociológica e antropológica – principalmente no Brasil”, o que nos impulsiona a trazer esse assunto para as discussões em Humanidades.

As diversas denominações dessa faixa etária levam-nos a uma análise do surgimento dos termos; a meia idade refere-se a uma etapa onde o indivíduo se encontra na metade de sua expectativa de vida de acordo com as estatísticas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), a expectativa de vida das mulheres brasileiras passou a ser de 78,3 anos em 2012, portanto a meia idade inicia-se por volta dos 39 ou 40 anos.

Outro termo a ser utilizado por nós, e que inclusive dá nome ao trabalho, é a idade da loba, que ficou conhecido ao ser título do livro da jornalista Regina Lemos “Quarenta: a idade da loba”, onde a autora reúne entrevistas com 97 mulheres de diferentes estados brasileiros. Estas mulheres atravessaram a juventude em meio às transformações dos anos 60 e que na época das entrevistas estavam com 40 anos ou mais. Falam de suas experiências, medos e expectativas ao ultrapassarem essa fase.

As mulheres estudadas aqui estão em plena participação social, a maioria está conciliando o curso universitário com um emprego e com seus cuidados para com a família e lar. Seus filhos já são adolescentes, e cabe a elas o cuidado com os pais já idosos. Essa geração, portanto é a chamada geração sanduíche e intermediária por fazer esta ponte entre filhos e pais:

Os adultos de meia-idade ainda são quem frequentemente detêm a responsabilidade na família e na sociedade, a geração que comanda – mas que fundamentalmente faz a ponte entre a geração dos mais velhos e a geração dos mais novos. São a “geração sanduíche” (Zal, 1993, apud FAGULHA, 2005).

Para as mulheres que se encontram com quarenta anos ou mais, são criados estes tipos de imagens em que devem se manter; como serem mães, esposas, donas de casa, e de já estarem com uma carreira profissional estabelecida. Também há a pressão por manterem sua imagem conservada, desvalorizando as marcas do tempo, fazendo da idade um estigma, diante da realização predominantemente jovem que é o início de uma graduação. Além disso, é associada a elas a passagem por uma crise, a da meia idade. Não seria essa crise fruto da própria estigmatização da velhice?

Assim, o que buscamos neste trabalho é analisar os conflitos vividos por mulheres acima dos quarenta anos de idade, no que tange a desvalorização da imagem da mulher, sobretudo ao se aproximarem da velhice, especialmente vivida em um ambiente diferente da expectativa de sua participação. Como estas mulheres que passaram dos quarenta anos lidam com a estigmatização da aparência dentro desses ambiente, e quais os desafios que enfrentam ao envelhecer nessa sociedade que privilegia a imagem?

Propomos um estudo a partir de depoimentos orais cedidos por três alunas acima dos quarenta anos estudantes de cursos de graduação presenciais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB), Redenção- CE. Compreende-se que o depoimento segundo SANTOS (2005, p.6) “é uma técnica utilizada pela história oral para a obtenção de declarações de um sujeito sobre algum acontecimento do qual ele tenha tomado parte, ou que ele tenha testemunhado”. Buscamos então assim compreender seus conflitos proporcionados ao entrarem nesse espaço. Para tanto, começamos com revisão bibliográfica sobre estas, objetos de nossa pesquisa, dando início então o trabalho de campo,

estabelecendo relações de diálogos com nossas interlocutoras, consistindo em entrevistas semiestruturadas com roteiro previamente escrito, mantendo também o anonimato e sob assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No primeiro capítulo, intitulado “Ser Mulher”, trazemos uma linha do tempo da trajetória da mulher ao longo da história, apoiados no livro de Simone de Beauvoir, “O segundo Sexo”. Mostramos após, uma perspectiva de resistência feminina ao seu apagamento social, com algumas das muitas lutas e conquistas alcançadas.

No segundo capítulo, “Ser mulher na meia idade”, damos continuidade na história da mulher na sociedade moderna, onde esta agora encontrou outra forma de controle sobre sua liberdade individual; o da coerção para se estabelecer em um padrão de imagem imposto, baseando-se no livro “O mito da beleza”, de Naomi Wolf, que nos dará a base para analisarmos os conflitos das mulheres acima dos quarenta anos ao se depararem com a passagem do tempo exposta em seus corpos em uma sociedade que privilegia a aparência, transformando-se em um estigma, agora em referência aos estudos de Goffman.

No terceiro e último capítulo, “Ser mulher e universitária na meia idade”, trazemos um panorama da educação no Brasil, sobre as disparidades ainda existentes entre os gêneros. Dando prosseguimento com a perspectiva de desigualdades, retomamos as pressões que recaem ainda sobre a mulher madura; seus espaços e imagens pré-determinadas. Buscamos assim descobrir os conflitos vividos por algumas destas que quebraram a ordem social imposta ao estar realizando um fato socialmente ligado ao mundo jovem, ser universitária.

CAPÍTULO I: SER MULHER

Trazemos aqui o olhar de Simone de Beauvoir sobre o apagamento histórico e a subordinação da mulher, dialogando com Engels sobre uma perspectiva econômica que levou a certas mudanças no cenário da participação feminina na sociedade. Mas, muitos papéis impostos anteriormente persistiram, e o sexo feminino continuou privado de participação social plena.

Com a organização das mulheres nos movimentos feministas, muitos direitos civis foram alcançados, inclusive leis de proteção aos ataques de violência, tanto física, quanto emocional que recaem sobre nós, decorrente de longos anos de dominação e objetificação do corpo e da liberdade da mulher.

1. Trajetória

Em uma análise da história da mulher ao longo do tempo, é perceptível a sua desvalorização, alienação e subordinação ao homem. Para Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo” (1970, p.14.), “a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca compartilharam o mundo em igualdade de condições”. Ou seja, como a autora se refere, sempre foi o Outro, sem passado, sem voz e sem deter seu próprio destino em suas mãos.

O opressor, para se afirmar como sujeito, tem que encontrar a validação e os meios para oprimir e tornar esse outro o seu objeto. E as validações foram inúmeras, à mulher foi negado qualquer tipo de participação social das decisões, das leis e do protagonismo histórico. Uma destas foi a sua ligação à natureza por meio da maternidade, como função de procriadora teria que mostrar afeto, carinho, ser sensível, não teria forças para o trabalho braçal, seus cuidados deveriam ser com o lar, cozinhando e limpando. Com os filhos; banhando, embalando, alimentando... O homem como seu oposto é viril, possuidor de força, deve trabalhar e prover a família com bem materiais. Atividades ditas e afirmadas como femininas deveriam passar longe de suas habilidades.

Mas segundo a teoria de Engels, apresentada na obra de Beauvoir (1970), mesmo classificada pela autora como um tanto superficial, porque apresenta a condição da mulher em uma perspectiva apenas econômica, pode nos dar uma base

do que ocorreu ao longo da história para a subordinação do sexo feminino. A perspectiva econômica nos é interessante, pois foi fator de grandes transformações e mudanças na condição feminina no meio social e para as relações que visamos explorar neste trabalho, sem negar ou reconhecer a importância dos demais aspectos, já que somos todos resultados da união de diversos acontecimentos. Nesta teoria, os dois sexos chegaram a compartilhar certa igualdade em períodos remotos, o que veio a ser a derrota histórica da mulher foi a formação da propriedade privada, acontecendo a partir daí a transformação da mulher também em propriedade do homem. A teoria é de que a subordinação do sexo feminino foi fruto do avanço das técnicas. Na “Idade da Pedra” (cf. Beauvoir), os dois partilhavam de certa igualdade, apesar de terem afazeres diferentes, os instrumentos rudimentares não demandavam força extrema, então eram equivalentes. Enquanto os homens caçavam, as mulheres também exerciam atividades produtivas, como fabricação de vasos, cuidados com plantações e confecções de roupas, ou seja, eram importantes economicamente.

Com o surgimento dos instrumentos mais elaborados, como os de ferro e bronze, e das invenções que disponibilizaram a extensão do cultivo e domínio de vastas terras, a mão de obra exigida seria de quantidade, de força e dedicação quase que exclusiva ao trabalho. Surge então a propriedade privada e o homem torna-se agora o dono da terra, dos escravos e da mulher. Forma-se uma sociedade patriarcal, onde as tradições de dominação são passadas de pai para filho. Agora, com seu trabalho extremamente produtivo, o outro, que antes era importante, foi anulado e tornou-se insignificante. Outra crítica de Simone de Beauvoir a teoria de Engels, consiste na seguinte perspectiva:

Se a relação original do homem com seus semelhantes fosse exclusivamente uma relação de amizade, não se explicaria nenhum tipo de escravização: esse fenômeno é consequência do imperialismo da consciência humana que procura realizar objetivamente sua soberania. Se não houvesse nela a categoria original do Outro, e uma pretensão original ao domínio sobre o Outro, a descoberta da ferramenta de bronze não poderia ter acarretado a opressão da mulher. (BEAUVOIR, 1970, p. 77-78).

Portanto, para a autora o Homem tem uma tendência à dominação do outro, em qualquer época, lugar e circunstância. É algo intrínseco a ele, faz parte de sua constituição. Engels também deixa a entender que a força da mulher é inferior à do

homem: quando o trabalho demandou força, a mulher perdeu o terreno. Simone de Beauvoir concorda que a estrutura corporal da mulher é inferior à do homem e que essa sofre com variadas questões, tais como: o período menstrual, gravidez, amamentação etc. Essas condições de diferenças não podem ser negadas, mas não deveriam ser usadas como armas de inferiorização. O que as tornaram inferiores foram as leis impostas e a forma como estas foram utilizadas como sinais de fraquezas dentro da estrutura econômica que se formou.

Para a construção desse outro ser secundário e menos importante economicamente em que sua função era basicamente a procriação e restrição ao lar, seria necessário a criação de validações que as consolidassem. Múltiplas justificativas e explicações das mais diversas áreas do saber foram encontradas:

Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus designios, como vimos pelas frases citadas de Aristóteles e Sto. Tomás. Desde a Antiguidade, moralistas e satíricos deleitaram-se com pintar o quadro das fraquezas femininas. (BEAUVOIR, 1970, p.16).

Essas “fraquezas” femininas foram tão introduzidas na sociedade, difundidas e aceitas, que inclusive as próprias mulheres internalizaram esta ordem imposta ao se considerarem o sexo frágil, sensível e inferior, desconhecendo sua própria história de apagamento e negação de liberdade, que as prenderam a modos de ser e de agir.

Construções que validaram a sujeição deste Outro, mas que não possuem fundamento prático, pois o que é dito feminino - o papel da mulher, como esta deve se comportar o que deve vestir, quando deve casar, do que pode ou não trabalhar, quantos e quando deve ter filhos - é uma invenção social. Nem mulher, nem homem nasceram determinados, agindo de determinada forma, eles e suas ações são frutos da organização de uma sociedade da qual estão inseridos, como frisa Simone de Beauvoir:

[...] a definição do homem é que ele é um ser que não é dado, que se faz ser o que é. Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma

idéia histórica. A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir-a-ser; (BEAUVOIR, 1970, p. 54).

Portanto, o papel que a mulher deve exercer é mutável e foi recriado ao longo do tempo de acordo com a necessidade das estruturas sociais que iam se formando. O início de uma mudança na sujeição da mulher, continuando com a perspectiva de Engels analisada por Simone de Beauvoir, começa quando do surgimento da Indústria. A exigência do mercado é absoluta por quantidade, torna-se indispensável o trabalho da mulher, esta volta a ser produtiva economicamente. O escravismo, em sua forma anterior, que acorrentava pessoas ao redor do mundo, não é mais proveitoso, inclusive o que prendia a mulher em absoluto ao lar:

Como o súbito desenvolvimento da indústria exige uma mão-de-obra mais considerável do que a fornecida pelos trabalhadores masculinos, a colaboração da mulher é necessária. Essa é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era... Engels mostra que a sorte da mulher está estreitamente ligada à história da propriedade privada; uma catástrofe substituiu pelo patriarcado o regime do direito materno e escravizou a mulher ao patrimônio; mas a revolução industrial é a contrapartida dessa decadência que resultará na emancipação feminina. Ele escreve: "A mulher só pode ser emancipada quando tomar parte em grande escala social na produção e não fôr mais solicitada pelo trabalho doméstico senão em medida insignificante. E isso só se tornou possível com a grande indústria moderna, que não somente admite em grande escala o trabalho da mulher mas ainda o exige formalmente".(BEAUVOIR, 1970, p. 148).

A abertura para a entrada da mulher no mercado de trabalho não foi um agente causador de sua emancipação completa, porque muitas outras formas de opressão recaem sobre o sexo feminino, como o domínio do seu corpo, e de sua imagem. Persistem ainda os papéis determinados, como as atribuições de cuidados com o lar e família que continuaram a cargo das mulheres, que adquiriram agora uma jornada dupla, dentro e fora de casa.

Contudo, é necessário salientar a importância da desconstrução da imagem da mulher como vítima, que aceitou uma dominação sem reação alguma. Houve resistências, estratégias e adaptações às estruturas que se formaram. Muitas mulheres se divorciaram, decidiram não casar, fugiram, não tiveram filhos, abortaram etc.

1.2. Lutas e conquistas

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a busca por conhecimento, a abertura das universidades para estas, e o descontentamento em massa com a realidade em que se encontravam, surgem os primeiros movimentos organizados, chamados de primeira onda:

[...] a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX , quando as mulheres primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2010, p. 15).

No Brasil, o direito ao voto foi conquistado em 1933, tendo como uma das líderes principais nas lutas feministas Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976), que fundou em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF, que buscava:

[...] entre outras coisas, promover a educação e profissionalização das mulheres. Entre práticas e discursos transpostos, graduou-se em Ciências Naturais na Sorbonne, em 1918; em Direito no Rio de Janeiro, em 1933; consolidou sua carreira científica nos mais de 40 anos de funcionalismo público no Museu Nacional; liderou a luta pelo voto feminino e exerceu, ela própria, o direito de ser votada. No Parlamento propôs inúmeras mudanças na legislação brasileira. (SOUSA; SOMBRIO; LOPES, 2005, p.316).

Mulheres como Bertha Lutz foram essenciais na luta pela emancipação feminina no Brasil, mas o agrupamento de muitas outras foi fator primordial para os avanços e conquistas de direitos, como a organização dos chamados movimentos feministas, importantes, pois causam pressão e põem em discussão demandas de mudanças necessárias para a equidade de gênero.

Os movimentos feministas são movimentos políticos que visam alcançar igualdade de direitos entre os gêneros, garantindo e reivindicando que a mulher possa participar igualitariamente em sociedade com o homem, que possa tomar suas próprias decisões e tenha o controle de sua própria vida e corpo, desconstruindo a ideia de inferioridade relacionada ao sexo feminino. Sua segunda onda, que é o

auge das discussões e das investidas de mudanças, ocorreu na década de 60, em meio a grandes manifestações culturais e políticas que ocorriam na época:

A década de 1960 é particularmente importante para o mundo ocidental: os Estados Unidos entravam com todo o seu poderio na Guerra do Vietnã, envolvendo um grande número de jovens. No mesmo país surgiu o movimento hippie, na Califórnia, que propôs uma forma nova de vida, que contrariava os valores morais e de consumo norte-americanos, propagando seu famoso lema: “paz e amor”. Na Europa, aconteceu o “Maio de 68”, em Paris, quando estudantes ocuparam a Sorbonne, pondo em xeque a ordem acadêmica estabelecida há séculos; somou-se a isso, a própria desilusão com os partidos burocratizados da esquerda comunista. O movimento alastrou-se pela França, onde os estudantes tentaram uma aliança com operários, o que teve reflexos em todo o mundo. Foi também nos primeiros anos da década que foi lançada a pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos, e logo depois na Alemanha (PINTO, 2010, p. 16).

Na década de 1960 ocorria também no Brasil uma efervescência política, com a atuação de movimentos sociais que buscavam mudanças. Diante de tais pressões, um golpe militar foi instaurado. Com o regime militar consolidado, houve fortes repressões contra qualquer tipo de manifestação. Então, enquanto a Europa e os Estados Unidos viviam momentos de agitação política e cultural, o Brasil sofria com duras censuras:

No contexto sócio-político que se instaura com o golpe de 64, registra-se um período em que criou uma barreira significativa na causa das mulheres, que se exprimia como dos movimentos sociais reprimidos pela ditadura. Registra-se, contudo, o protagonismo de grupos de mulheres em resistência à ditadura através de passeatas, manifestações públicas, organizações clandestinas. Essa conjuntura política possibilitava que muitas mulheres refletissem melhor sua postura social. Em 1972, surgia em São Paulo o primeiro grupo organizado de feministas pós-Beauvoir sendo dirigido por Célia Sampaio, Walnice Nogueira Galvão, Betty Mindlin, Maria Malta Campos, Maria Oscila Silva Dias e, mais tarde, Marta Suplicy (CHRISTO, 2001). Esse período representa um marco de uma nova era para o movimento feminista no Brasil. (PEDRO, GUEDES, 2010, p. 6-7).

Ao longo dos anos muitas conquistas foram alcançadas, mas ainda estamos distantes da equidade buscada entre os gêneros. Nem mesmo existe equilíbrio

dentro das especificidades do sexo feminino, por exemplo: as mulheres negras estão em desvantagens em relação às brancas no se refere à escolaridade, emprego e são em maioria das vítimas de violência, sofrem duplo preconceito, de gênero e de cor. Diante disso, surge o Feminismo Negro no Brasil na década de 1970, pois enquanto as mulheres brancas lutam por igualdade de direitos, as negras precisam lutar ainda contra o preconceito racial.

A mentalidade machista fruto de longos anos de dominação do corpo e da liberdade feminina, persiste e aprisiona mulheres no mundo todo. Como consequência, ficam sujeitas a diversos tipos de agressões por seus próprios parceiros ou familiares. Em nosso país, uma conquista para o combate a violência doméstica ou familiar contra a mulher foi a criação da Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006; conhecida como lei Maria da Penha.

Maria da Penha Maia Fernandes sofreu inúmeras agressões de seu ex-marido, ficando paraplégica depois de um tiro disparado pelo mesmo. Após denunciá-lo, viu o agressor sair impune de seus crimes. Era evidente a necessidade de uma punição mais eficaz, rápida para os que cometem esse tipo de violação e a proteção da vítima contra outros ataques. A criação dessa lei também se torna importante no combate a todas as formas de violência utilizadas contra o sexo feminino, reconhecendo não somente as agressões físicas, como todas as formas de intimidações e abusos. São consideradas formas de violência presentes no Art. 7º da lei:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou

à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2006).

Há pouco tempo foi aprovada outra lei que torna crime hediondo o assassinato de mulheres, o feminicídio, termo utilizado para designar a morte de mulheres pelo fato de serem mulheres, LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015:

Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - violência doméstica e familiar;

II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher. (BRASIL, 2015)

Percebemos que as formas de tratamento dadas aos sexos foram diferentes e mutáveis ao longo dos tempos de acordo com as estruturas que iam se formando. Para as mulheres, o lugar de participação na sociedade ficou como coadjuvante, tornando-se o Outro, como frisa Beauvoir. A formação da sociedade privada levou à mulher para a restrição total ao lar e família. Com o surgimento da indústria e crescimento das cidades, a demanda de mão de obra foi crescente, o que foi primordial para sua participação no mercado de trabalho. Ao entrarem nesse novo espaço, as mulheres começaram a se organizar pela luta de direitos civis igualitários, surgindo assim os primeiros movimentos feministas, com muitos ganhos, inclusive no combate à violência de gênero.

Mas a entrada da mulher no mercado de trabalho não anulou os papéis sociais a elas impostos anteriormente. Além de trabalhar fora, ela ainda tem as atividades de casa como suas obrigações, assim como a educação dos filhos. Outra atribuição também lhe surgiu: a manutenção da aparência jovem, bem cuidada e bonita, criando um ideal feminino que todas devem buscar, principalmente, o freio das marcas do tempo na aparência.

CAPÍTULO II: SER MULHER NA MEIA IDADE

Com muitas conquistas alcançadas, podendo agora participar em massa do mercado de trabalho e do consumo, com leis que as amparam, outro freio foi criado contra o protagonismo feminino, dessa vez, o da aparência. Segundo a autora Naomi Wolf (1992), surgiu o Mito da Beleza como forma de controle social, fazendo com que nos sintamos mal com nossa imagem, para que assim possamos buscar os meios de modifica-la, desvalorizando as características e as marcas do tempo em nosso corpo.

O envelhecimento virou um dos nossos maiores medos, transformando-se em estigma, como se refere Goffman (2004). A aparência se tornou alvo de exclusão de determinados grupos sociais, ou uma forma de impedimento para realizações socialmente conhecidas como jovens. Buscamos então os meios para frear as mudanças em nossa imagem e nos frustramos por não ter o controle total da passagem do tempo.

2.1. Construção de uma aparência ideal feminina

A entrada da mulher no mercado de trabalho se deu de forma lenta e gradativa, a principio foram em maioria para profissões desvalorizadas que rendiam lucros menores. Além de rendimentos inferiores e profissões sem privilégios, à mulher foi imposta outra barreira, dessa vez a da aparência.

Quando a mulher conseguiu acesso ao consumo, esse se voltou para ela, criando-lhe novas necessidades e desvalorizando sua imagem natural, para assim ofertar os meios que “solucionam seus problemas”. Para Naomi Wolf em “O Mito da Beleza” (1992, p. 13-14), essa nova tática surge para frear e manter o controle social das conquistas femininas, que antes estavam relacionadas apenas com o lar: “À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social”.

Para a autora “quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas”. (WOLF, 1992, p.11). Cria-se então um padrão a

ser atingido, que propositalmente beira ao impossível, pois além de as mulheres terem formas, estruturas, organismos e imagens diferentes, esse padrão não é fixo, muda constantemente de acordo com a indústria da beleza. Ela se sentirá frustrada por essa busca incessante de adequação e por não conseguir controlar a passagem do tempo que deixa marcas, sujeitando-se a tratamentos dolorosos e privações, para sentir-se aceita diante do visual imposto. Culpa-se por não conseguir atingir o peso ideal, o busto maior ou menor, a cintura mais fina, as rugas eliminadas, o cabelo livre de fios brancos, o combate às estrias e celulite, etc. Fatores que não pesam na consciência masculina, pois:

O anseio feminino pela "perfeição" é acionado pela crença disseminada de que os seus corpos são inferiores aos dos homens, matéria de segunda classe que envelhece mais rápido... É claro que sob o ponto de vista físico os homens não envelhecem menos. Eles só envelhecem menos em termos do seu *status* social. Esse nosso erro de percepção deriva do fato de nossos olhos estarem treinados para ver o tempo no rosto das mulheres como um defeito enquanto no dos homens ele indica personalidade. (WOLF, 1992, pág. 122).

Com todo esse sentimento de culpa e vontade de se adequar, a indústria da beleza lucra cada vez mais e incentiva as mulheres ao consumo de seus produtos. Propagandas de beleza nos bombardeiam todos os dias na TV, nas revistas e em todos os meios de comunicação:

Os anunciantes que viabilizam a cultura feminina de massa dependem de as mulheres se sentirem tão mal com relação ao próprio rosto e ao próprio corpo a ponto de gastarem mais em produtos inócuos ou dolorosos do que gastariam se se sentissem belas por natureza. (WOLF, 1992, pág. 110).

Há então o crescimento de clínicas cirúrgicas, com cada dia mais facilidades de pagamento e acesso, assim como de clínicas estéticas que prometem criar uma imagem mais "bonita e agradável" para suas clientes, milhares de cremes são desenvolvidos para todas as áreas do corpo, a procura, multiplicam-se os espaços que oferecem exercícios físicos, corpos moldados pela musculação estão cada vez mais entre os objetivos femininos que, para alcança-los, não medem esforços, inclusive restringindo suas alimentações cortando um número imenso de alimentos de sua dieta. Recebemos todos os dias enxurradas de propagandas de como

devemos ser ou como devemos agir para alcançarmos a perfeição ditada por esse meio.

A pressão pelo corpo perfeito é constante sob a mulher, que se torna culpada por sua aparência: se não é bonita o suficiente, é porque não se esforçou o bastante para alcançar tal patamar, não teve sucesso de obter os meios financeiros para a redenção. Quem não ouviu a seguinte frase: “não existe mulher feia, existe mulher pobre”? Ou outra variação :“mulher que não se cuida”? Essa mulher precisa se adequar ao mercado de consumo da beleza, conseguir acesso às clínicas estéticas, alisar seu cabelo, emagrecer, enrijecer os músculos, fazer *peeling* no rosto para apagar as marcas do seu passado, passar por diversos procedimentos cirúrgicos para se livrar daquela barriguinha, colocar implantes de silicone, comprar roupas de “boas marcas”... Para enfim se transformar de lagarta para borboleta, quem ela era deve agora deixar para trás, era motivo de vergonha. Esse tipo de transformação está presente diariamente em inúmeros programas televisivos, que nos mostram o que devemos fazer para também nos transformarmos, aproveitam e já nos indicam os cosméticos necessários para tal, o quê e onde procurar tais mudanças. Depois de tanto esforço é vitoriosa, mas não por muito tempo, pois não pode perder o controle do seu corpo, deve manter o que conquistou; essa nova imagem adquirida e comprada. Constantemente novos produtos estão no mercado, para todos os fins, nos dizendo o que fazer agora, qual é a nossa nova necessidade, o que é tendência em termos de aparência e que não podemos mais viver sem. Uma batalha interna vive em nós:

Pesquisas recentes revelam com uniformidade que em meio à maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e controladas no mundo ocidental, existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle. (WOLF, 1992, pág. 12).

Essas cobranças refletem nas relações diárias das mulheres, acabamos nos voltando contra nós mesmas, criticamos umas as outras por qualquer deslize com a aparência e tememos que sejamos criticadas por isso também. Convêm que nos tornemos inimigas, a competição é incentivada para que a busca incessante de meios que mudam a aparência indesejada seja cada vez maior.

O envelhecimento é um dos principais temores, porque a mulher mais velha se sente desvalorizada, perde espaço no mercado de trabalho para as mais jovens, sente que não é mais desejada por conta das formas que adquirem o seu corpo, vistas como feias e não como parte normal do fluxo da vida humana. Também lhe é atribuída uma crise constituída de transformações hormonais que afetam o seu psicológico:

No processo de envelhecimento, a mulher passa por um período transicional, polêmico e crítico, o climatério (do grego Klimaktér). É o período compreendido entre a fase reprodutiva e a não-reprodutiva da vida da mulher, que ocorre geralmente entre 37 e 65 anos, quando os ovários têm sua produção estrogênica reduzida e insuficiente para garantir a reprodução e a manutenção das características funcionais dos órgãos sexuais femininos. Com o declínio dos níveis de estrógenos, podem ocorrer alterações físicas hormonais, metabólicas, somáticas, psíquicas e sociais, que se manifestam ou não por sinais e sintomas que caracterizam a síndrome climatérica. (ZAMPIERI M. F. M. et al., 2009, p. 306).

Na relação familiar geralmente à mulher de meia idade são atribuídas muitas obrigações, além de trabalhar fora, ter os cuidados com o lar ao seu cargo, e a responsabilidade de manter o casamento. Cabem a ela também as obrigações para com os filhos adolescentes e os pais idosos. E esse é o lugar onde se espera encontrar e onde se classificam as mulheres maduras, dedicando-se a família, com uma carreira profissional estabelecida ou trabalhando em casa nas atividades domésticas. Segundo Erving Goffman em “Estigma”:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem nelas encontradas. (GOFFMAN, 2004, p. 75).

Então qualquer alteração e fuga do ambiente social pré-estabelecido causa estranheza, como uma mulher mais velha sendo protagonista de uma novela, se envolvendo com um homem mais jovem, ou uma profissional de meia idade que resolva se reinventar e iniciar uma nova carreira, ou outra que decida voltar aos estudos, etc., acaba por carregar um estigma, o da aparência; o julgamento de que está velha demais para tais feitos. Para Goffman (2004, p.6), uma característica se

torna um estigma quando “o seu efeito de descrédito é muito grande, algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem”.

A ditadura da beleza, a supervalorização da aparência é cruel com as mulheres, mas é ainda pior com as mais velhas, porque traz consigo a criação de uma barreira para realizações que outrora eram consideradas normais. Traz a sensação de uma perda de valor dentro da sociedade e do dever de lutar contra o impossível que é a passagem do tempo e o controle de suas marcas, como nos lembra Britto da Motta (2000, p.207): “Idades e gerações são importantes fatores de organização social. Isto é tão universal, ‘tão evidente’, que não se costuma referir. Entretanto, a condição etária e, principalmente, o envelhecimento ainda são, como assinala Debert, “mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos’ ”.

Mas afinal, quando chegamos à velhice? As gerações são classificações que enquadram os indivíduos e os delimitam ao que pode ou não ser feito no período da vida em que se encontram, assim como também as formas e tratamento que irão desfrutar dentro da sociedade. Em um estudo sobre a velhice, em “A Velhice Realidade Incômoda”, de Simone de Beauvoir (1976), a autora mostra o papel das pessoas mais velhas em diversas sociedades, percebendo como são variáveis suas formas de tratamento e também como podem variar o que é ser considerado velho:

[...] este estudo é suficientemente para demonstrar até que ponto a condição do velho depende do contexto social. Sobre ele se exerce um destino biológico que acarreta fatalmente uma consequência econômica: torna-se improdutivo. Sua involução, entretanto, é mais ou menos precipitada, segundo os recursos da comunidade: a decrepitude começa em alguns, aos 40 anos, em outros, aos 80. (BEAUVOIR, 1976, p. 96)

Já em nossa sociedade, o fator determinante do início do envelhecimento também não é algo que sempre foi constante. A entrada da mulher no mercado de trabalho causou grandes mudanças, inclusive, como já apontado, trouxe novas formas de opressões. Para Langevin (1998), homens e mulheres, até as proximidades dos anos setenta, não desfrutavam do mesmo tempo no mundo profissional porque a velhice, para elas, chegava muito mais rápido. Sua capacidade reprodutiva era o determinante de seu envelhecimento:

A valorização das idades masculinas está, antes de tudo, ligada aos ritmos sócio-profissionais, enquanto o das mulheres dá um maior espaço ao calendário da vida privada. Uma mulher é, então, mais jovem ou idosa principalmente em relação a suas oportunidades no mercado matrimonial e por sua capacidade de trazer crianças ao mundo. O envelhecimento do sexo feminino está mais estritamente ligado ao funcionamento do corpo, segundo seu poder de sedução e sua capacidade de ter filhos, o que limita o apogeu de valorização e precipita o declínio. (LANGEVIN, 1998, p.142).

Ainda associamos a perda da capacidade reprodutiva da mulher ao envelhecimento. Quando esta não é mais capaz de gerar filhos e chega à menopausa, sente o peso da idade e que alcançou outro período da vida, muitas vezes perdendo a vitalidade, não física, mas emocional, por sentir que o envelhecimento chegou e que é hora de se portar de outra maneira, deixando de lado certos sonhos e ações julgadas inadequadas para a sua idade. A crise associada à meia idade é uma construção da nossa sociedade para nos fazer sentir mal com a passagem do tempo em nossos corpos, indo em busca dos meios que passaram a oferecer ao apagamento ou freio de suas marcas. Para Fagulha (2005 *on-line*), “a noção de crise tem sido questionada, fundamentalmente pela conotação negativa do termo [...]”. Não podemos negar que a mulher passa por transformações hormonais que refletem na sua autoestima, diga-se de passagem, por praticamente todas as etapas de sua vida. Mas porque justamente com a chegada ao envelhecimento devemos entrar em crise, e não encarar de forma natural o percurso da vida? A questão fundamental que hoje permeia tal debate é a da valorização da imagem, sobretudo, a aparência jovem. Vejamos um exemplo que nos mostra Wolf:

Dalma Heyn, editora de duas revistas femininas, confirma ser de rotina eliminar com aerógrafo os sinais da idade nos rostos das mulheres. Ela observa que as revistas femininas “ignoram as mulheres mais velhas ou fingem que elas não existem”. As revistas tentam evitar a publicação de fotografias de mulheres mais velhas e, quando apresentam celebridades de mais de sessenta anos, 'os artistas do retoque' conspiram para 'ajudar' as mulheres lindas a parecerem mais lindas; ou seja, mais jovens. (WOLF, 1992, p. 108).

A negação e desvalorização da aparência da mulher madura nos nega o direito de vivermos nossa maturidade de forma natural e sem neuroses. A exposição de mulheres mais velhas em anúncios e propagandas sempre escondem as verdadeiras mulheres, com suas formas e marcas do tempo, criando imagens

artificiais para que possamos nos sentir que devemos também esconder o que somos e procurar nos mascarar e consumir a cura dos nossos males, não conseguindo, a aparência física se torna um estigma, principalmente em contato com ambientes sociais predominantemente jovens ou que supervalorizem a aparência juvenil.

CAPÍTULO III: SER MULHER E UNIVERSITÁRIA NA MEIA IDADE

Aqui, mostramos um panorama da educação no Brasil desde o início. Para quem e por quem eram ministradas as aulas primeiramente em nossa sociedade, evidenciando a exclusão e diferenciação de gênero, raça e classe social. Depois mostramos a atualidade da educação e as diferenciações entre os sexos que ainda persistem. No ambiente universitário, são constatadas carreiras estigmatizadas como sendo essencialmente femininas, que acabam influenciando na escolha do curso por parte dos alunos ingressantes.

O ambiente universitário discente é, reconhecidamente, um espaço juvenil, mas muitos alunos na meia idade estão inseridos nesse contexto, buscando uma nova carreira, ou mesmo uma realização pessoal. Sobre as mulheres maduras, especialmente, recaem muitas cobranças, pois o papel social esperado destas é que estejam em casa, cuidando da família e que já tenham uma carreira estabelecida. Também há a valorização da imagem jovem e bem cuidada. Veremos, pois, como as alunas nessa faixa etária lidam com estes diversos conflitos, propiciados ao ingressar em cursos de graduação.

3.1. A mulher no ensino formal

As desigualdades entre os gêneros persistem de modos e maneiras diversas, muito foi conquistado e modificado, mas a posição que as mulheres ocupam na sociedade tem diferentes papéis de acordo com o local em que vivem. Em países ditos “desenvolvidos”, “países centrais”, muitas destas questões estão superadas, como direito à saúde, educação, acesso ao mercado de trabalho, etc., não estando também livres de disparidades em relação a outras questões. Mas em outros países, ditos “periféricos”, nos quais a distribuição de renda é precária e a pobreza atinge milhões de pessoas, o sexo feminino é privado de direitos básicos. São submetidas a diversos tipos de violência, dentre elas a privação do acesso ao conhecimento e informação, para garantir seu controle e subordinação.

No dia 9 de outubro de 2012 no Paquistão, uma jovem chamada Malala Yousafzai, foi atingida por um tiro na cabeça quando voltava da escola por um grupo extremista, Talibã, por simplesmente acreditar e reivindicar que meninas possam

receber a mesma educação que os meninos. Na Nigéria, um grupo radical islâmico, Boko Haram, sequestrou 275 jovens de uma escola em abril de 2014, contrário à educação dada às meninas. Poucas conseguiram fugir, e recentemente ainda neste Maio de 2015, 200 foram libertadas e enviadas de volta para casa, todas grávidas, provavelmente resultado de abuso sexual e/ou estupro, talvez como uma forma de “punição, conforme foi noticiado na imprensa internacional. Casos de extrema violência assim acontecem constantemente contra mulheres que buscam mudanças em suas condições.

No Brasil, considerado um país emergente, que está em pleno desenvolvimento, o acesso à educação não encontra barreira de sexo. Como podemos ver na tabela abaixo, as mulheres estão em maioria na educação formal e nela permanecem por mais tempo que os homens, com diferenças não tão distantes:

TABELA 1: NÚMERO MÉDIO DE ANOS DE ESTUDO

	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
2012						
Total	7,5	6,9	6,4	8,2	7,8	7,9
Homem	7,3	6,6	6,0	8,1	7,7	7,6
Mulher	7,7	7,2	6,8	8,2	7,9	8,2
2013						
Total	7,7	7,0	6,6	8,3	8,1	8,0
Homem	7,4	6,6	6,2	8,2	7,9	7,7

Fonte: IBGE, PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2013.

Fúlvia Rosemberg, em “Educação Formal Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo” (2001), traz a constatação de que, apesar do ensino formal ter atingido em quantidade as mulheres, devemos atentar para as especificidades dentro desses ganhos, pois esse tipo de balanço apenas superficial e geral é

insuficiente para a criação de políticas públicas que possam reverter as desigualdades entre os gêneros. Como por exemplo, as questões de raça/cor e rendimentos:

Ora, se o sistema educacional brasileiro, como o de vários outros países do mundo subdesenvolvido, apresenta igualdade de oportunidades para os sexos no tocante ao acesso e permanência no sistema, ostenta intensa desigualdade associada ao pertencimento racial e à origem econômica. (ROSEMBERG, 2001, p.518)

Inicialmente, até o séc.XIX, a educação era destinada apenas aos homens de famílias nobres, as aulas também eram organizadas e ministradas por eles. Quando as meninas começaram a ser incluídas, também provinham de famílias ricas. Com o processo de urbanização e crescimento do país, viu-se a necessidade de incluir o resto da população no processo educacional, devido ao grande número de analfabetos existentes no país, mas:

[...] as primeiras mulheres incluídas no processo educacional foram as da elite, filhas dos grandes fazendeiros e posteriormente pertencentes às famílias burguesas. As meninas das classes sociais mais baixas só foram inseridas nas intenções de educação, quando foi interessante para o país estender a educação para toda a população, devido aos ideais de progresso e modernização. As mulheres negras e indígenas então, só tiveram a educação com um atraso maior ainda, atraso este acarretado pelo duplo preconceito: de etnia e gênero. (ROSA, 2011).

Além destas distinções, de classe e raça, também ocorriam diferenciações no ensino de meninas e meninos, reforçando os estereótipos de gênero, o lugar e a ordem social destinada às mulheres. Eles eram incentivados a seguir uma carreira, enquanto elas, incentivadas aos cuidados e administração do lar:

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representa-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. (LOURO, 2007, p.446).

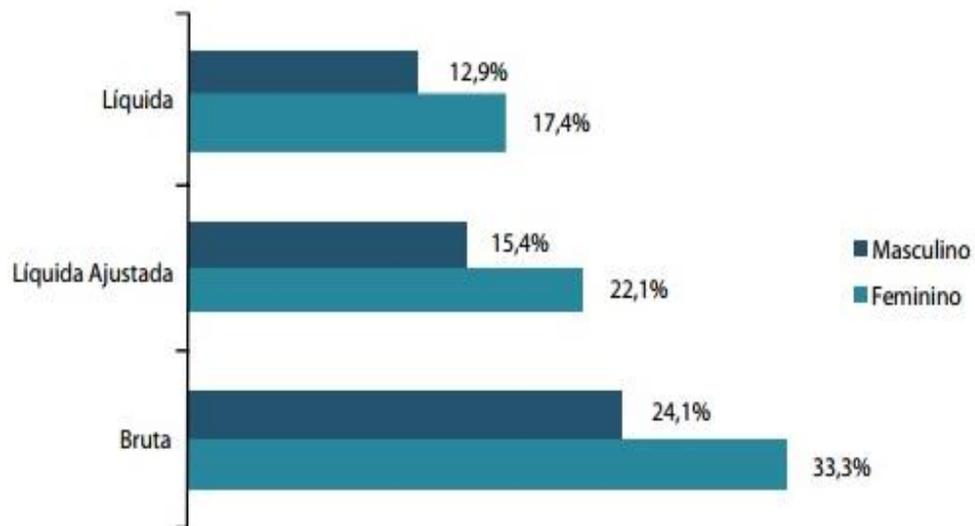
Com a ampliação e abertura do mercado de trabalho, os homens migraram para profissões que rendiam lucros maiores, deixando certas áreas livres para o ingresso feminino. Com isso, acontece a feminização de diversas carreiras, que, ao passar do tempo, foram estigmatizadas como sendo essencialmente femininas, subjugadas como fáceis e sem muita credibilidade. Essa condição persiste até hoje:

A bipolarização humanas—exatas – carreiras “mais fáceis” e “mais difíceis” para alguns; de gênero feminino e masculino para outras (Izquierdo, 1994) – parece persistir. Informações sobre os ENCs realizados nos últimos anos permitem observar a persistência, na década de 90, de carreiras universitárias com predomínio masculino intenso (engenharias civil, elétrica, mecânica), outras com predomínio feminino (odontologia, jornalismo, letras, matemática) e outras tendendo ao equilíbrio: administração, direito, medicina veterinária. (ROSEMBERG, 2001, p.523).

3.2. Universitária na meia idade

Como dito, as mulheres estão em maioria no ensino formal e permanecem por mais tempo. Na educação superior também, como demonstrado no gráfico abaixo, elas ultrapassaram os homens em quantidade de acesso aos estudos:

GRÁFICO 1. TAXAS DE ESCOLARIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR POR GÊNERO/ BRASIL - 2012



Fonte: Brasil, IBGE, 2012. Gráfico elaborado pela Deed/Inep com base nos dados do PNAD.

Mas esse acesso superior das mulheres na educação possui desigualdades na questão da escolha dos cursos, elas continuam seguindo carreiras marcadamente femininas e desvalorizadas quanto à remuneração e prestígio:

Apesar da intensificação de sua participação no mercado de trabalho, e de sua melhor qualificação, as mulheres continuam, porém, a receber salários nitidamente inferiores aos dos homens e a se concentrarem em profissões tradicionalmente femininas, em especial, o magistério. (ROSEMBERG, 1994, p.9).

O rendimento médio das mulheres que conseguiram posto no mercado de trabalho é inferior ao dos homens, e, apesar da desproporção ter caído um pouco, ainda está longe da equidade e reconhecimento necessário: “A proporção do rendimento de trabalho das mulheres em relação ao rendimento dos homens passou de 72,8%, em 2012, para 73,5%, em 2013. Em média, em 2013, os homens receberam R\$ 1.857 e as mulheres R\$ 1.365”(PNAD, 2013). Mesmo assim, cada vez mais mulheres estão buscando inserção no mercado de trabalho e profissionalização, inclusive entrando aos poucos em outras áreas reconhecidas como masculinas. É o que leva muitas já na maturidade a procurar cursos de graduação, assim como também uma realização pessoal que não pôde concretizar anteriormente, ou até mesmo uma mudança de carreira.

Mas entrar na universidade é uma realização geralmente ligada ao mundo jovem. Segundo o último levantamento do censo da educação superior realizado pelo INEP de 2012, a média de faixa etária dos graduandos brasileiros é de 18 a 24 anos. Portanto, viver a maturidade dentro de um espaço diferente de sua faixa etária pode trazer certos conflitos, especialmente para a mulher na meia idade, que tem de lidar com as transformações do corpo e as preocupações com a proximidade com o envelhecimento, em uma sociedade que privilegia a imagem, carregando consigo o estigma da aparência.

Como destaca Wolf (1992), “o apogeu da vida, dos quarenta aos sessenta – quando muitos homens e, sem dúvida, a maioria das mulheres, estão no auge do seu vigor – são considerados o ápice da vida masculina e o declínio da feminina.” As idades recaem como um peso sob as mulheres mais velhas e não afetam aos homens no mesmo sentido, pois a cobrança da imagem perfeita e bonita foi atribuída a elas. A iminência da chegada ao envelhecimento leva a uma busca maior dos meios para contê-lo.

A objetificação do corpo feminino bem cuidado, a aparência juvenil, desvalorizando as marcas do tempo, é reforçada pelos anunciantes da indústria da beleza, que não medem esforços para nos sentirmos mal com nossa aparência e idade, para assim buscarmos o retardamento da passagem dos anos:

A publicidade adquiriu, ao longo do século XX, um grande poder de influência sobre as mulheres (e, também, sobre a sociedade). Generalizou a “paixão” pela moda, favoreceu a expansão social dos produtos de beleza, contribuiu para fazer da aparência uma dimensão essencial da identidade feminina para o maior número de mulheres (LIPOVETSKY, 2000). Fez mais, propagou normas e imagens ideais do feminino e, com isso, submeteu as mulheres à ditadura do consumo, difundindo imagens de sonho, inferiorizando as mulheres – ora intensificando as angústias da idade, ora reforçando os estereótipos de mulher frívola e superficial. (SAMARÃO, 2007. P.50-51).

Esse poder de influência que a publicidade obteve sobre as mulheres as tornaram dependentes do consumo. Se buscarmos os meios para modificar a aparência sempre encontraremos novas possibilidades, novos produtos que são lançados quase que diariamente. Quando não os consumimos somos classificadas como relaxadas e descuidadas com nossa aparência, principalmente se as marcas do tempo já estão visíveis em nossos corpos. Existem também lugares e posições pré-estabelecidas para as mulheres de acordo com suas idades:

As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar.” (BOURDIEU, 1983, p.112 apud BRITTO DA MOTTA, 2013).

A ordem esperada ao sexo feminino na metade do percurso de sua vida é de que já esteja com uma carreira consolidada, e intermediando trabalho com os cuidados para com a família e lar, ou apenas praticando as funções de dona e casa. Ao saírem desta ordem e começarem os estudos muitos conflitos são gerados.

3.3. A universidade e as vozes das universitárias

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é o local onde a pesquisa foi realizada. A universidade conta com três Campi no interior do Ceará, dois no município de Redenção e um no município de Acarape, além de outro no estado da Bahia, localizado em São Francisco do Conde. Sua implantação é relativamente nova, segundo consta no site da instituição: “Em 20 de julho de 2010, o Presidente da República sancionou a Lei nº 12.289 instituindo a Unilab como Universidade Pública Federal”. Com a proposta de integração entre os países que compõem a CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa –, a universidade é composta por docentes e discentes de outros países interagindo com brasileiros da região e de outros estados em um regime de trimestralidade. O total geral de alunos, incluindo graduação, pós-graduação presencial e a distancia, também de acordo com o site, é de 3.261, e o total de estudantes nos cursos presenciais – que é onde nos detemos, pois entendemos que o convívio entre os companheiros de curso é maior e o acesso ao espaço acadêmico também bem mais frequente – é de 1.796, sendo 969 homens e 827 mulheres, como podemos ver na tabela abaixo:

TABELA 2. QUANTITATIVO DE DISCENTES REGULARES POR GÊNERO E CURSO.

CAMPUS: Todos

Curso	Quantidade de homens	Quantidade de mulheres
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - Redenção	120	118
AGRONOMIA - Redenção	104	81
ANTROPOLOGIA - Redenção	1	0
BACHARELADO EM HUMANIDADES - Redenção	271	212
BACHARELADO EM HUMANIDADES - São Francisco do Conde	45	41
CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA - Redenção	96	74
ENFERMAGEM - Redenção	55	126
ENGENHARIA DE ENERGIAS - Redenção	175	50
HISTÓRIA - Redenção	5	13
LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA - Redenção	73	79
LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA - São Francisco do Conde	12	15
PEDAGOGIA - Redenção	0	8
SOCIOLOGIA - Redenção	12	10
Total	969	827

Fonte: Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA. Emitido em 17/12/2014 às 14h57min.

Ao analisarmos o quantitativo de discentes por gênero e curso, percebemos a predominância de mulheres em cursos reconhecidamente femininos e homens estudando para seguirem carreira conhecidas como masculinas. Assim como constatado no trabalho de Rosemberg (2001), essas visões também são perceptíveis nesta universidade.

Destacamos aqui os cursos de Engenharia de Energias, Enfermagem e Pedagogia, onde as diferenças no quantitativo de alunos homens e mulheres são maiores. Em Engenharia de Energias são 175 do sexo masculino e 50 do sexo feminino. Essa quantidade superior de homens explica-se pelo fato de que ao pensarmos em engenharia, algo que supostamente demanda força e dificuldade e a força física é relacionada ao universo masculino culturalmente.

O curso de enfermagem apresenta um número bem superior de mulheres: elas estão em 126, eles 55. Essa diferenciação ocorre pelo estereótipo feito da carreira, sendo considerada trabalho feminino, delicado, que requer um contato maior do profissional com o paciente, trabalha com elementos como alimentação, higienização e acompanhamento de medicações, ou seja, ações que estão ligadas às “obrigações” da mulher para com seus filhos. Essas imagens e introjeções feitas pela sociedade refletem na escolha do curso universitário.

Trouxemos por ultimo, dentre os destaques que gostaríamos de evidenciar, o curso de Pedagogia, que ainda não conseguiu fechar a turma por ser um curso novo e ainda estar em fase de inscrições quando do trabalho desta pesquisa, mas desde já podemos observar que a procura foi unicamente feminina (8), nenhum homem apresentou interesse em participar. A pedagogia, que está voltada a princípio para o ensino infantil, tem pouca procura masculina porque como já dito, os cuidados para com as crianças ficaram a cargo das mulheres.

Os cursos diurnos de graduação são: Administração Pública, Agronomia, Ciências da Natureza e Matemática, Enfermagem e Engenharia de Energias. E os noturnos são: Letras/Língua Portuguesa e Bacharelado em Humanidades juntamente com suas áreas específicas como Antropologia, História, Pedagogia e Sociologia. O (BHU) Bacharelado em Humanidades, curso com maior número de alunos, consiste em um curso interdisciplinar com duração de oito trimestres. Depois de concluído, o aluno pode optar por prosseguir os estudos dentro de uma das

terminalidades oferecidas como Licenciaturas em Pedagogia, Sociologia e História ou Bacharelado em Antropologia. Somente no dia 12 de dezembro de 2014, ocorreu a colação de grau da primeira turma da UNILAB com formandos do BHU. Esse fato explica, em partes, a pequena quantidade ainda de alunos nas terminalidades.

As estudantes acima de quarenta anos estão presentes majoritariamente nos cursos noturnos, pois geralmente precisam conciliar suas rotinas atribuladas com a universidade. Foi o problema citado por todas as nossas interlocutoras, Diana, Maria, e Vânia, quando questionadas sobre seus maiores desafios a respeito da permanência dos estudos. Buscamos conhecer essas mulheres por meio de entrevistas com roteiro previamente escrito com perguntas relacionadas ao nosso tema. Isso é importante, pois:

O tema é, em geral, oferecido ao entrevistado pelo pesquisador, pois guarda estreita relação com o problema de pesquisa. Nesse sentido, destaca-se a importância de produzirmos um roteiro para as entrevistas que permita o bom e pleno desenvolvimento do tema. (SANTOS, 2005, p. 7).

É válido ressaltar que os nomes utilizados aqui são fictícios, para garantir o anonimato das mulheres que se disponibilizaram a participar do trabalho, sob a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que preserva suas identidades e também como uma forma de as deixarem mais a vontade para o diálogo.

Diana tem 49 anos, é solteira, não tem filhos, mora sozinha em Fortaleza, já possui um curso superior em Gestão Ambiental e está cursando agora Bacharelado em Humanidades. Seus planos são prosseguir com o curso de Antropologia, pois vê a necessidade de antropólogos no local onde trabalha e acredita que assim poderá ter uma qualidade de vida melhor. Ela descreve-nos sua rotina:

sair de Fortaleza, sair do local de trabalho por volta das três horas da tarde pra pegar um ônibus quatro horas no ponto de ônibus, chegar em casa correndo, tomar banho, colocar camisa da faculdade, vir embora, e vou pra rua pra pegar ônibus, juntamente com mais três colegas de idade pra vir pra cá. Moro em Fortaleza, e o percurso de lá pra cá é muito árduo, porque a gente já sofreu duas vezes assalto

de lá pra cá. É muito difícil, é muita força de vontade de querer ter um futuro, uma aposentadoria mais digna, entendeu?

Maria tem 45 anos, é viúva, com quatro filhos, mora em Redenção, já possui graduação em Pedagogia e agora está cursando Letras. Seus maiores desafios para continuar no curso são *“conciliar trabalho e estudo, porque os dois requerem muito de mim, tanto o trabalho, quanto os estudos, e muitas vezes os estudos eu deixo assim, é... mais de lado, porque assim... o trabalho eu preciso”*. Quer dar prosseguimento aos estudos, pensa em fazer mestrado e doutorado, porque não pretende dar aula no ensino fundamental e nem médio como faz agora, tem planos de crescimento na carreira.

Vânia tem 42 anos, é casada, teve quatro filhos, mora em Redenção, fez parte da turma dos primeiros formandos da UNILAB, hoje é Bacharel em Humanidades e está cursando agora a terminalidade de História. Deixou de estudar quando casou, estava no terceiro ano do ensino médio, depois teve os filhos e quando eles já estavam adolescentes resolveu terminar os estudos em uma modalidade semipresencial. O incentivo aos filhos de entrarem no ensino superior, levou-a também para a universidade. Hoje, dois de seus filhos estão juntamente com a mãe nesse espaço universitário. Seu maior desafio para manter os estudos é conciliar cuidado com a família e lar juntamente com a universidade:

Os meus desafios... o desafio maior foi manter uma rotina de estudos, conciliar casa, filho, bolsa que eu consegui, logo quando entrei, consegui logo uma bolsa, através de processo seletivo, mas consegui, então pra mim foi assim difícil, foi e é um desafio conciliar casa, estudo e trabalho.

Particularmente, o trabalho de campo não foi uma tarefa fácil, tive que pensar em meios para me adaptar e conseguir dialogar com minhas interlocutoras devido à rotina atribulada que todas apresentaram. Como estudante de graduação igualmente a elas, já estou inserida no ambiente social em que se encontram agora. Por estudarmos em uma universidade pequena, todos nos conhecemos ou ao menos já nos cruzamos pelos os corredores.

Primeiramente, passei muitos dias observando a passagem dos estudantes para suas salas de aula e imaginando com quem poderia conversar. Alguns colegas sugeriram suas conhecidas. Mas, certo dia em uma dessas observações abordei Maria, falei sobre a pesquisa e ela demonstrou interesse e disponibilidade em participar. Perguntei se poderíamos marcar um encontro, mas ela estava bastante ocupada nos próximos dias e a rotina não permitia sua presença na universidade mais cedo, então conversamos ali mesmo, pedi seu consentimento para gravar nossa conversa e assim consegui minha primeira interlocutora. Utilizo o termo por acreditar que, como afirma Uriarte:

Não se trata de um ouvir qualquer. É um ouvir que dá a palavra, não para ouvir o que queremos, mas para ouvir o que os nossos interlocutores têm a dizer. E falamos aqui em interlocutores – não informantes ou entrevistados – porque a palavra cedida se dá num contexto de diálogo, numa relação dialógica, e é nesse diálogo que os dados se fazem para o pesquisador. (URIARTE, 2012, p. 5).

Para conseguir dialogar com Vânia, também procurei me ajustar aos seus horários. Já a conhecia, ela é bastante popular, uma mulher muito comunicativa e solícita, como ela mesma se descreveu; sempre gostou de conversar e tomar a frente. Contatei-a por uma rede social, expliquei-lhe o motivo e ela prontamente me enviou uma lista de horários e dias da semana em que poderíamos conversar. Tentei encontra-la no primeiro dia informado, mas fiquei apenas a observando, pois parecia muito ocupada conversando com uma amiga e não quis interromper. Informei o que ocorreu e marquei para o próximo dia da lista. Encontramo-nos no local onde atua como bolsista, foi uma conversa longa e muito descontraída.

A próxima interlocutora foi indicação de minha orientadora, que me mandou seu nome e número de telefone. Resolvi ligar e tentar agendar um encontro. Ela estava com uma viagem marcada para outro estado e talvez pudéssemos conversar se ela conseguisse chegar um pouco mais cedo na universidade nesse dia. Não recebi nenhum retorno, até que dois dias depois de nossa conversa inicial, recebo uma ligação de Diana informando que estava na UNILAB naquele exato momento e disponibilizava de tempo para conversamos. Saí de casa no mesmo instante e fui ao seu encontro, ela também é uma mulher bastante comunicativa e a conversa rendeu por um longo tempo.

Essas adaptabilidades foram essenciais para que eu conseguisse diálogos tão produtivos. Apesar de estar situada no mesmo espaço que elas, não tenho as mesmas atribuições e conflitos no meu dia a dia. Tive que compreender a vida do Outro do qual procurava conhecer. O Outro é visto aqui não como sentido de comparabilidade, mas como sujeito que possui relações sociais diferentes da pesquisadora e do perfil da maioria dos estudantes de graduação.

Outras relações conflituosas enfrentadas pelas mulheres universitárias na meia idade, além de conciliar diversas atividades, é a objeção da família. Enquanto para os jovens o ingresso na universidade é motivo de comemoração, para as mulheres maduras transformou-se em desestabilização da ordem esperada em que elas deveriam se encontrar. Quando questionadas sobre a reação da família ao ingressarem em uma graduação nessa fase de suas vidas, duas delas contaram que no início, encontraram resistência quanto a essa realização:

A minha mãe não aceitou, porque disse que eu já estava velha e tinha minhas filhas, como é que assim, no primeiro momento foi uma resistência muito grande, até mesmo pelas minhas filhas que são de menor, são adolescentes... foi um conflito muito grande, assim pra elas entenderem que eu... na minha ausência elas tinham que ficar em casa, tinham que se comportar, foi uma batalha. Pensei em desistir ... (Maria, 45 anos).

Meu marido, de início ele relutou um pouco por que... é...ele já tava muito acostumado a me ter lá em casa, o tempo inteiro né, só pra ele e pros filhos e pra casa porque realmente eu só vivia pra eles e não tinha nenhuma outra atividade fora de casa, não trabalhava nada. Até a conclusão do meu ensino médio eu estudei em casa, fiz a prova, ia/fui só fazer a prova e voltei. Foram só dois dias de prova e vinha embora. Então, ele de início ele relutou um pouco, mas depois que ele viu que todo mundo tava me parabenizando e todo mundo muito feliz porque eu tinha passado, a família inteira... (Vânia, 42 anos).

Diana conta que não encontrou objeção da família porque mora só, e que também por ser filha de um militar, passou a vida toda mudando de cidade, nunca se

estabilizou em um local, o que dificultava sua permanência no estudo formal. Devido a isso, nenhum de seus irmãos frequentou a universidade quando jovem. Foi uma realização já feita depois de adulto para todos, por isso não houve estranhamento.

Quanto ao tratamento recebido dentro da universidade por parte dos colegas de sala ou funcionários da universidade, duas disseram ter sofrido algumas situações preconceituosas por terem uma idade acima dos demais:

No início foi o preconceito né, o preconceito. Inclusive cheguei até um dia a me desentender com uma moça do C.A [Centro Acadêmico], que hoje faz parte do C.A, se eu não me engano, por sinal é minha xará, que é [nome da interlocutora] o nome dela, e então em um ponto de ônibus, no segundo dia de aula ela falou, perguntou o porquê que a vovó estava no banco da faculdade, o quê que uma vovó queria no banco da faculdade. Então aos poucos eu fui mostrando pra eles dentro da sala, algumas pessoas, aliás, não só eu não, todas as pessoas da minha idade ou então próximo a minha idade, de trinta e cinco anos como é o caso da [nome de colegas de sala], da menina que tem lá também da [nome de colega de sala], trinta e seis, trinta e sete anos, todas essas pessoas, no início elas foram muito mal vistas e depois, e por sinal, por incrível que pareça, não pelos africanos, mas sim por brasileiros. (Diana, 49 anos).

Dos professores meu tratamento é normal e eu acho também deles para comigo. E com os colegas de sala eu não me relaciono com todo mundo na sala, eu tenho umas duas ou três pessoas com quem eu me relaciono, porque assim, muitas vezes eu sinto exclusão, até quando tem os trabalhos de grupo, quando vão tirar, assim... não me querem nos grupos. (Maria, 45 anos)

As idades estampadas na aparência destas mulheres evidencia-se como um estigma, que serve como papel de exclusão desse ambiente do qual, supõem os outros indivíduos, elas não fazem parte. Goffman descreve essa situação da seguinte maneira:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – (...) Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Vânia não se sentiu diminuída ou excluída por parte dos colegas. Atribui isso ao fato de ser muito comunicativa, mas revela um fato; que é vista muitas vezes como a imagem de uma mãe por ser mais velha “às vezes eles me chamavam de mãe, tavam lá, era a mãe de todos eles, até mesmo os africanos também, os meninos de África, eu me dei muito bem com eles”. Ou parecem aceitar-lhe pelo fato de ter características juvenis, como ser bastante descontraída e gostar de sair, mas reconhecendo que seu exterior denuncia sua idade:

A respeito disso [exclusão] eu nunca tive esse problema, até porque assim, as pessoas quando me veem, percebe realmente que eu sou bem mais velha né que a grande maioria dos alunos, mas quando começam a conversar comigo, aí dizem “mulher, nem parece que tu tem essa idade que tu tem, parece que é da nossa idade”. (Vânia, 42 anos).

Com relação à aparência, todas afirmaram que a sociedade impõe um padrão e nos pressiona a consumir seus produtos, desvalorizando nossa imagem natural, como nos exemplifica Diana, 49 anos:

A mulher é um objeto de consumo aqui no Brasil, um objeto de desejo dos homens e você vê a mulher em si, ela é um objeto. Eu vejo o que na sociedade brasileira? Pra vender um carro, botam uma mulher na televisão, pra vender uma cerveja bota a mulher na televisão, a bunda da mulher. Pra vender um aparelho telefônico... coloca a Gisele Bündchen pra vender uma Sky, entendeu Então a mulher ela é um objeto de consumo de todos os sentido aqui dentro, na nossa sociedade sim.

Quando questionadas sobre o que mudariam em seus corpos, todas falam que gostariam de perder peso. Gostariam de ser mais magras, mas afirmam que

esse desejo é mais por questão de saúde do que por estética. Apenas Vânia, 42 anos, declara ser esse o principal motivo que a levou a eliminar doze quilos e meio:

[...] emagreci pra minha formatura eu emagreci oito quilos e aí continuei com a dieta, hoje eu perdi doze quilos e meio, mas fora isso...o que eu faço é isso, acompanhamento nutricional, faço caminhadas, mais falta do que vou, porque tá muito corrido esse início de curso. Sinceramente eu precisava muito por conta da saúde, mas o que mais me motivou foi a imagem [...]

Percebemos que muitas questões ainda precisam ser repensadas quanto o papel da mulher na sociedade. Muitos são os empecilhos enfrentados, ainda por causa da objetificação do corpo da mulher e da sua imagem com a desvalorização das marcas do tempo, vistas como defeito ou barreiras para certas realizações. Nenhuma de nossas interlocutoras sentiu a passagem por momentos de crise, como é associado à idade. Acham sim que estão em suas melhores fases da vida, mas reconhecem que a idade pode ser uma barreira para as mulheres:

O velho na realidade, envelhecer nesse país é um desafio, é um desafio né, então cada um tem que lutar porque aqui é como diz o outro, é questão de gênero mesmo, é... você é discriminado por tudo, por ser velho, por ser negro, por ser pobre e por ser homossexual, então nosso país.... e ser mulher, acima de qualquer coisa. (Diana, 49 anos)

Em alguns casos dá pra atrapalhar, que as pessoas são muito preconceituosas, a gente vive num mundo de pessoas preconceituosas, hipócritas. Aí, em alguns momentos atrapalha. (Maria, 45 anos)

Não sei quanto ao mercado de trabalho né, porque o que escuto dizer é que realmente há uma pequena restrição, apesar do que se prega de não haver, mas na realidade quando se vê lá uma mais nova e uma mais velha isso deve pesar em alguma coisa . (Vânia, 42 anos)

Apesar dos diversos obstáculos encontrados em seus percursos, por simplesmente serem mulheres e estarem em uma situação de desvalorização social, onde suas realizações são desacreditadas por frequentarem um espaço no qual sua imagem de mulher na metade do percurso de vida é desacreditada, estas continuam lutando por seus ideais e desejos, criando resistências e fugas à ordem imposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma retomada ao longo do tempo da história da mulher, podemos perceber as diferentes formas de tratamento a qual foram submetidas. Criaram-se imagens, formas de ser e de se comportar essencialmente femininas, como formas de apagamento e freio ao seu protagonismo.

Através de muitas lutas e exigências por direitos igualitários para ambos os sexos, foram obtidos diversos ganhos. Agora podendo participar efetivamente do mercado de trabalho e de consumo, mas outro freio lhe foi imposto, o da aparência.

A mulher deve agora se policiar para não descuidar de sua imagem, procurar os meios e os instrumentos difundidos pela mídia do mercado de consumo para frear o envelhecimento, principal temor da atualidade, pois os mais velhos perdem espaço para os mais novos, são julgados incapazes e ultrapassados.

Além de incidir o peso da aparência para as mulheres mais velhas, sobram também lugares sociais pré-determinados, qualquer relação que fuja de seu estereótipo de mulher estabelecida em uma carreira, mãe, esposa dedicada e cuidadora, gera conflitos causando uma quebra de ordem.

A idade que ficou conhecida como a idade da loba, também foi estigmatizada como sendo uma fase na qual incide um processo de crise. O que pode ser questionável, pensando no sentido de que as mulheres atravessam diversas transformações hormonais ao longo da vida, mas justamente com a aproximação do envelhecimento é lhe estipulada à passagem por esse momento crítico. O mercado de produtos de beleza e cirurgias plásticas só tende a crescer cada vez mais com o abatimento e preocupações com a aparência de seus consumidores.

As nossas interlocutoras nos mostram que, apesar dos diversos entraves ainda para a participação plena e equitativa da mulher em sociedade, é preciso criar meios de adaptabilidade como formas de resistência para realizar desejos e sonhos que não foram possíveis anteriormente, assim como também fazem muitas outras mulheres ao redor do mundo. Conscientes da passagem do tempo em seus corpos, mas encarando isso com naturalidade, experimentando e vivenciando coisas novas, ultrapassando barreiras e preconceitos, mostrando que a idade não pode ser encarada como uma barreira para realizações pessoais.

Este trabalho se propôs a evidenciar os diversos conflitos vivenciados pelas mulheres maduras ao adentrarem em um espaço marcadamente juvenil e suas estratégias de adaptações. Mas certamente muito do que foi mostrado pode ser prolongado e discutido em pesquisas futuras com um maior contingente de interlocutoras assim também como muito ainda pode ser problematizado a partir das discussões trazidas aqui, sobretudo com o rico material surgido de nossas conversas com essas mulheres.

Referencias bibliográficas

Beauvoir S. 1976. A velhice: realidade incômoda. (2a ed.). DIFEL, São Paulo.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e mitos, a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRASIL Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em 27 de abril de 2015.

BRASIL. Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 19 de nov. de 2014.

Britto da Motta, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso), São Paulo, v. 13, n.13, p. 191-221, 2000.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As idades da mulher. Revista Feminismos, Salvador, vol.1, N.3, p. 1 – 20 Set./Dez. 2013. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/79/77>>. Acesso em: 3 de maio de 2014.

Expectativa de vida, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/7827-expectativa-de-vida>. Acesso em: 28 de set. de 2014.

FAGULHA, Teresa. A meia-idade da mulher. Psicologia, Lisboa, v.19. n.1-2, 2005. Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO874-20492005000100001&lng=pt&nrm=iso.> Acesso em 01 de maio de 2014.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada 1963. Trad.: Mathias Lambert. Sabotagem, 2004.

IBGE, tabela de número médio de anos de estudos. PNAD – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios, Brasil e sínteses de indicadores, 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000018883109232014310419410583.pdf>. Acesso em 21 de nov. de 2014.

IBGE. PNAD 2013 retrato do mercado de trabalho e condição de vida no país. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=2722&t=pnad-2013-retrata-mercado-trabalho-condicoes-vida-pais&view=noticia>. Acesso em 21 de nov. de 2014.

LANGEVIN, Annete. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. Caderno CRH/UFBA, Salvador, n.29, p. 129-149, jul./dez. 1998. Trad. Regina Martins da Matta.

LE MOS, Regina. Quarenta: a idade da loba / Regina Lemos. – 6. Ed. – São Paulo: Globo, 1995.

LOURO, Guacira lopes. Mulheres na sala de aula. in: DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 443-481.

PEDRO, C. Bragança ; GUEDES, O. S. . AS CONQUISTAS DO MOVIMENTO FEMINISTA COMO EXPRESSÃO DO PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES. Guarapuava: Unicentro, 2010 (XIX-Encontro de Iniciação Científica).

PINTO, Celi Regina Jardim. **Feminismo, História e poder**. Revista de Sociologia e Política (UFPR. Impresso), v. 18, p. 15-23, 2010.

ROSA, Renata Vidica Marques. Feminização do magistério: representações e espaço docente. Revista Pandora Brasil, n.4, *on-line*. 2011. Disponível em < http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/materialidade/renata.pdf> Acesso em 24 de abril de 2015.

ROSEMBERG . Educação e gênero no Brasil. Projeto História, v. 11, p. 7-18, 1994.

ROSEMBERG . Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. Revista Estudos Feministas, 2001.

SAMARÃO, Lilianny Alves . O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. Revista Contemporânea (UERJ), v. V, p. 45-57, 2007.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida . Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

SOUSA, L. G. P. ; SOMBRIO, M. M. O. ; LOPES, M. M. . Para ler Bertha Lutz. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 24, p. 315-325, 2005.

Unilab em números. Disponível em: < <http://www.unilab.edu.br/unilab-em-numeros/>>. Acesso em: 12 de jan. de 2015.

Unilab: Como surgiu. Disponível em: < <http://www.unilab.edu.br/como-surgiu/>> . Acesso em: 12 de jan. de 2015.

URIARTE, U. M.. O que é fazer etnografia para os antropólogos. Ponto. Urbe (USP), v. 11, p. 1-15, 2012.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZAL, H. M. (1993). *A geração sanduíche: Entre filhos adolescentes e pais idosos* in: (FAGULHA, Teresa. A meia-idade da mulher. **Psicologia**, Lisboa, v. 19, n. 1-2, 2005 . Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100001&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 01 maio 2014.

ZAMPIERI, M. F. M. ; TAVARES, C. M. A. ; HAMES, MLC ; FALCON, G S ; SILVA, A L ; GONÇALVES, L T . O processo de viver e ser saudável das mulheres no climatério. Escola Anna Nery. Revista de Enfermagem, v. 13(2), p. 305-312, 2009. Disponível em:< http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20092/artigo%208.pdf>. Acesso em: 5 de set. de 2014.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL E
COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE

Pelo presente documento, eu

Entrevistado(a): _____
_____, RG: _____ emitido
pelo(a): _____, domiciliado/residente em
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

_____,
CPF: _____ RG: _____, emitido
pelo(a): _____, domiciliado/residente em
(Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): _____

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, como subsídio à construção de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo. O(a) pesquisador(a) se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade. -----.

Local e Data: _____, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado/depoente)

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES E TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Roteiro de questões

Nem loba, nem cordeira: Um estudo sobre as universitárias acima dos 40 anos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção/CE.

DADOS PESSOAIS – entrevista 1

Nome: Diana

Idade: 49

Estado civil: solteira

Filhos (sim) (não): não Quantos:

Religião: católica e espírita

Cidade onde mora: Fortaleza

Curso: Bacharelado em Humanidade

Possui outro curso superior?(sim) (não): sim

Qual: Gestão Ambiental

Raça/cor: parda

Ano de ingresso na Unilab: 2014

TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE

1. Por que você decidiu começar ou fazer outra graduação? Bem, é pensando hoje é... eu tô prestes a me aposentar do serviço público federal né, sou funcionária pública federal, e... pensando numa melhora de qualidade de vida pro futuro na aposentadoria eu pensei em retornar ao banco da universidade né, porque no meu trabalho precisa de antropólogos, e pretendo fazer minha especialização em Antropologia, então foi por isso que eu decidi voltar ao banco da universidade.

2. Por que escolheu esse curso? Já queria fazer antes, já trabalho na área quilombola, trabalhei muitos anos na área quilombola do INCRA ((Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)), desde quando o Programa Brasil Quilombola se iniciou, e aí eu resolvi sair pra outra divisão dentro do INCRA, o órgão que eu trabalho. Ai eu decidi, é... me dedicar. O pessoal falou – Olha, tem a UNILAB, tal, tal e tal. É muito distante de Fortaleza pra cá, um sacrifício muito grande, mas eu acho que todo sacrifício ele é válido, tá entendendo? Então é por isso que eu decidi.

3. Na sua sala de aula existem outras estudantes na sua faixa etária ou acima?

Tem sim, tem, com certeza. Mulheres se eu não me engano são quatro, se não me engano. A gente faz algumas cadeiras juntas. Vai mudando.

4. Como se sentiu nos primeiros dias de aula? No início fui/o preconceito né, o preconceito. Inclusive cheguei até um dia a me desentender com uma moça do C.A ((Centro Acadêmico)), que hoje faz parte do C.A, se eu não me engano, por sinal é minha xará, que é ((nome da entrevistada)) o nome dela, e então em um ponto de ônibus, no segundo dia de aula ela falou, perguntou o porquê que a vovó estava no banco da faculdade, o quê que uma vovó queria no banco da faculdade. Então aos poucos eu fui mostrando pra eles dentro da sala, algumas pessoas, aliás, não só eu não, todas as pessoas da minha idade ou então próximo a minha idade, de trinta e cinco anos como é o caso da ((nome de colegas de sala)), da menina que tem lá também da ((nome de colega de sala)), trinta e seis, trinta e sete anos, todas essas pessoas, no início elas foram muito mal vistas e depois, e por sinal, por incrível que pareça, não pelos africanos, mas sim por brasileiros. O maior preconceito que veio com relação a gente estar dentro da sala de aula foi da parte dos brasileiros, não dos africanos. Nenhum “chacotou”, nenhum jogou piada, nenhum desmereceu a gente, de jeito nenhum, pelo contrário, eles sentiram uma confiança a gente ser mais velha, eu não sei se é a distância que eles tem de casa e a gente muito próxima a eles, e eles se sentem assim como se a gente fosse um pouco de apoio, uma mãe, uma prima, ou um parente, algo parecido assim, e eles nos tratam muito bem.

5. Como é o tratamento dado a você por parte dos colegas de sala ou professores (as)? Fale-me sobre o seu cotidiano na universidade. Há algo que gostaria de destacar? Eu sofri um preconceito de um professor sim, inclusive um professor negro né, um professor negro, é... eu não vou falar o nome dele aqui que não me vem o caso, porque hoje ele tá exercendo um cargo de reitoria aqui dentro da UNILAB, não sei se é reitoria ou pró reitoria, mas ele um cara extremamente preconceituoso e da outra parte, eu não vejo, só elogio aos outros professores. Eu sofri preconceito dos brasileiros, dos africanos não, dos brasileiros sim, aí depois com o tempo a gente foi adquirindo com alguns, adquirindo confiança etc. e tal, mas a gente já vê ainda que existem aqueles grupinhos que às vezes quando eles chegam, ah, não sei o que tia, tal, tal e tal. Eu disse – Olha, vamos parando com

esse pseudo, que negócio de tia aqui... eu não tenho nenhum grau de parentesco com ninguém aqui.

6. Quais são os desafios ou conflitos encontrados no seu percurso universitário? Inúmeros, sair de Fortaleza, sair do INCRA por volta das três horas da tarde pra pegar um ônibus quatro horas no ponto de ônibus, chegar em casa correndo, tomar banho, colocar camisa da faculdade, vir embora, e vou pra ((uma rua de Fortaleza)) pra pegar ônibus, juntamente com mais três colegas de idade pra vir pra cá. Moro em Fortaleza, e o percurso de lá pra cá é muito árduo, porque a gente já sofreu duas vezes assalto de lá pra cá. É muito difícil, é muita força de vontade de querer ter um futuro, uma aposentadoria mais digna, entendeu? E de você pensar mesmo nas mudanças em relação a questão país, que eu acho que nós temos a obrigação de mudar tendo essa oportunidade de estar voltando ao banco da faculdade juntamente com você mais jovens, de mudar esse pensamento com relação a questão com o ser humano, que tá muito egoísta em todos os sentidos. As amigas, as pessoas aqui só se verem com amigos virtuais, não se abraçam, não se conversam, não sentam pra trocar ideias etc. e tal. Então a coisa ficou muito difícil. E com relação esse percurso é como eu digo pra você, a gente faz esse sacrifício, mas é pra um futuro melhor, a gente contribuir, poder colaborar com a mudança, como é que diz? Com mudança de pensamento da própria sociedade, procurar construir uma sociedade melhor do que essa daí.

7. Quais os planos para depois da graduação, tem algum sonho que deseja realizar? Eu... Deus é quem sabe... Eu acho/eu penso sim em ir pra/fazer um mestrado, um doutorado, inclusive eu quero ter a oportunidade, se for da vontade de Deus, de fazer um doutorado fora do país.

RELAÇÕES FAMILIARES

8. Como seus familiares reagiram quando você disse que iria iniciar ou fazer outra graduação? Olha, minha mãe, a minha família toda, nós somos pessoas que viemos de muita batalha, apesar de sermos filhos de militar, nós tivemos uma educação extremamente rígida, a qual sempre moramos – aí quando as pessoas perguntam ô ((nome da entrevistada)), você é da onde? Eu digo – Eu sou cidadã do

Brasil. Porque o meu pai era militar e nós não criamos raízes. O se humano sempre para num canto pra ele criar raízes e aqui nós não conseguimos criar raízes, porque a gente vivia, a gente vivia, como é que se diz? Rodando o país, entendeu? A gente vivia rodando o país, a gente vivia... então essas viagens por aí, quê que aconteceu? A gente não criou raiz em nenhum canto e não tivemos a oportunidade de estudar e se formar cedo. Tanto é que hoje, nós somos quatro mulheres e um homem, e das quatro mulheres, apenas uma não quis dar prosseguimento nos estudos, e, todas estão se formando depois de uma certa idade, né. Depois de casadas e a outra enfrentando uma faculdade de direito já a segunda faculdade depois de Contabilidade. Então também a minha família reagiu com muita alegria, com muita alegria né, com relação a isso, e minha mãe se sente muito orgulhosa de saber que eu praticamente aos cinquenta anos, voltei a estudar e principalmente a área de humanas, que eu sou uma pessoa, como diz ela, que realmente filha igual a mim não existe, mas toda mãe é assim, não é verdade?

9. Como é a relação familiar? Quais as suas atribuições ao lar e com quem ficam as tarefas domésticas? Não, na minha casa eu sou/eu moro só, eu moro só, sou eu que faço mesmo. Eu sou uma pessoa extremamente exigente comigo mesmo né, sou perfeccionista com limpeza né, sou... no popular, chata. Entendeu? Então eu mesmo que faço, sempre mantenho, procuro manter minha casa muito limpa, muito bem arrumada porque eu sou chata. Eu mesmo faço, lavo, passo, cozinho, faço tudo.

CORPOREIDADE

10. Como você se vê? Mudaria alguma coisa em seu corpo? Eu? Acho que uma lipoaspiração ((risos)), é não, não é verdade. No meu corpo, o que eu tô procurando fazer agora é questão de emagrecer alguns quilos, isso sim, não mudaria meu caráter, não mudaria minha personalidade, o meu visual com relação a isso, eu sou muito feliz. Por questão de saúde, se manter hoje, nada vaidade, não tenho vaidade com nada, absolutamente nada. Não sou uma mulher vaidosa ((exclamação)).

11. O que significa para você chegar aos 40 anos ou mais? Ah sim, a idade da loba, que tanto o pessoal fala. Realmente você tem picos de, como é que se diz, de... de... é... entra na depressão, sai da depressão, entendeu? Mas essa crise não é aos quarenta, eu acho que ela é mais na frente, aos quarenta e cinco, entendeu? Aos quarenta e cinco. Você tem/aparecem só coisas pra você vivenciar pra depois ver. São coisas que as vezes dá medo, são medos, medo de... o medo do futuro, os medos são incertezas. Então vem várias coisas pra você, como é que se diz? É, é... lidar. Então são coisas que aparecem, mas a mulher se sente mais é... é... sensual, a mulher se sente/a autoestima também melhora nessa coisa que você vê, por exemplo, eu tenho quase, eu vou fazer cinquenta anos de idade, mas eu tenho, eu uso tênis, calça, camiseta, shortinho, etc. e tal, e não uma cabeça. Eu acho que a questão da idade ela tá na cabeça de cada um. Eu vou completar sessenta anos, usando tênis e... do mesmo jeito.

12. Você tem medo de envelhecer? O que acha que vai mudar na sua relação com você mesma e com os outros? Não, de jeito nenhum. As vezes a gente olha pensando assim, ah eu olho pras minhas mãos e vejo que não fiz nada, não sei o que, eu olho pra minha mão e digo, eu já toquei muito violão, entendeu? Então eu vejo cada ruga, cada coisa... que eu não sou preocupada com negócio de ruga, com essas coisas não. Geralmente, eu tenho colegas minhas, de vivência de trabalho, que entraram em crises, mas isso eu acho que vai de cada mulher, entendeu? Eu particularmente, eu não tive essa crise ainda comigo, de identidade não, essa coisa de ter medo da velhice. Possa ser que... não vou dizer que mais tarde não vá me dar, me dar medo, mas eu não tenho, o pessoal até diz – Ó ((nome da entrevistada)), você tem medo de morar só? Eu digo de jeito nenhum, se eu passar mal, eu tenho telefone, tenho um vizinho pra eu chamar, entendeu? E aí vai, eu não tenho essa.

13. Acha que a idade atrapalha em alguma realização ou não? Eu tive um sonho que eu não pude realizar na... na... no início, quem sabe daqui pra frente. Eu comecei a... eu toco quatorze instrumentos musicais e comecei a me dedicar a música, e na época meu pai falava que música era coisa de vagabundo e de malandro, e eu deixei muito isso pra trás, entendeu? Então hoje eu procuro fazer... eu tocava na noite, tal, tal, tal. Com relação a questão da idade, atrapalha

logicamente em desenvolver projetos, a gente vê... não tiro só por mim, dentro do meu local de trabalho não, porque eu já tenho o meu trabalho, mas eu vejo muitas coisas por aí, que realmente, hoje o pessoal... o velho na realidade, envelhecer nesse país é um desafio, é um desafio né, então cada um tem que lutar porque aqui é como diz o outro, é questão de gênero mesmo, é... você é discriminado por tudo, por ser velho, por ser negro, por ser pobre e por ser homossexual, então nosso país.... e ser mulher, acima de qualquer coisa. Então tem esse... é os cinco dedos, ser pobre, mulher, negra, homossexual, entendeu? Então... e velho. Você envelhecer, ter esses cinco itens hoje que são, é... é... que tem que ser trabalhado melhor na sociedade brasileira.

14. Acredita que a sociedade impõe um padrão de aparência? Com certeza, sempre a... a imposição é do belo, dos olhos azuis, da mulher bonita, entendeu? Da mulher, como é que se diz? É... é... aquela, bem vestida, calça justa, bunduda, entendeu? Então tem sempre essa, esse padrão. O que o mercado de trabalho ele solicita é isso, é uma mulher do cabelo grande, entendeu? Maquiagem, com a bunda grande né, então, isso ela é discriminada, ela, na realidade a mulher é um objeto de consumo aqui no Brasil, um objeto de desejo dos homens e você vê a mulher em si, ela é um objeto. Eu vejo o que na sociedade brasileira? Pra vender um carro, botam uma mulher na televisão, pra vender uma cerveja bota a mulher na televisão, a bunda da mulher. Pra vender um aparelho telefônico... coloca a Gisele Bündchen pra vender uma Sky, entendeu Então a mulher ela é um objeto de consumo de todos os sentido aqui dentro, na nossa sociedade sim.

15. Você faz algum tipo de dieta, exercícios ou tratamentos pela beleza? Ou se sente pressionada a fazer? Eu faço, como eu disse, comecei caminha agora e academia né, recentemente. Mas eu já fazia, eu sou atleta, eu fiz muito... o pessoal pergunta porque que eu tenho essa coisa desenvolvida aqui ((mostrando os ombros)), eu já fiz muito exercício, já joguei futebol profissional, já nadei muito e parei ((risos)), aí agora vou começar de novo. Não, eu me sinto na obrigação de me cuidar por causa da questão da saúde mesmo, entendeu? Porque hoje tudo que a gente consome tem o excesso de sódio, entendeu? Você tem retenção de líquidos em todos os sentidos. Se você toma, faz uso de um remédio como eu faço de

5. Como é o tratamento dado a você por parte dos colegas de sala ou professores (as)? Fale-me sobre o seu cotidiano na universidade. Há algo que gostaria de destacar? Dos professores meu tratamento é normal e eu acho também deles para comigo, e com os colegas de sala eu não me relaciono com todo mundo na sala, eu tenho umas duas ou três pessoas com quem eu me relaciono, porque assim, muitas vezes eu sinto exclusão, até quando tem os trabalhos de grupo, quando vão tirar, assim... não me querem nos grupos. O meu cotidiano aqui é muito pouco, porque eu trabalho oito horas, o meu trabalho não permite de eu estar aqui, então eu só estou aqui mesmo a noite, portanto eu não participo de nada da Unilab, dos eventos.... Eu participo de poucos eventos, porque o meu trabalho não permite.

6. Quais são os desafios ou conflitos encontrados no seu percurso universitário? É assim, de conciliar trabalho e estudo, porque os dois requer muito de mim, tanto o trabalho, quanto os estudos, e muitas vezes os estudos eu deixo assim, é... mais de lado, porque assim, o trabalho eu preciso.

7. Quais os planos para depois da graduação, tem algum sonho que deseja realizar? Os meu planos, é fazer um mestrado né, até já me inscrevi, numa outra entidade, estou esperando o resultado pra ver, porque assim, eu tenho vontade de fazer um mestrado, um doutorado, porque assim, eu não quero só ficar sendo professora de fundamental I e II, nem de ensino médio, eu quero ir além, porque assim, eu gosto do que eu faço, eu gosto mesmo de estar atuando como professora.

RELAÇÕES FAMILIARES

8. Como seus familiares reagiram quando você disse que iria iniciar ou fazer outra graduação? A minha mãe não aceitou, porque disse que eu já estava velha e tinha minhas filhas, como é que assim, no primeiro momento foi uma resistência muito grande, até mesmo pelas minhas filhas que são de menor, são adolescentes... foi um conflito muito grande, assim pra elas entenderem que eu... na minha ausência elas tinham que ficar em casa, tinham que se comportar, foi uma batalha. Pensei me desistir, mas assim, algumas outras pessoas me incentivaram, numa outra pós

graduação que eu fazia, os professores me incentivaram muito, que eu não desistisse, que eu continuasse, e tô aqui até hoje, não sei se eu vou até o final, mas eu pretendo.

9. Como é a relação familiar? Quais as suas atribuições ao lar e com quem ficam as tarefas domésticas? Comigo, com as meninas. Eu tinha uma pessoa que me ajuda lá por casa, agora assim, nos finais de semana, é o que eu trabalho mais, porque eu não gosto de casa desorganizada, eu sofro muito por isso. Aí pra conciliar organização da casa, trabalho, faculdade, a situação... quase que eu fico louca, e ainda tem um trabalho pra eu terminar hoje.

CORPOREIDADE

10. Como você se vê? Mudaria alguma coisa em seu corpo? Mulher... até assim porque, eu acho que não, eu não tenho essas besteiras que as pessoas tem hoje, esse padrão de beleza, eu não tenho. A pessoa sentir feliz é o que importa.

11. O que significa para você chegar aos 40 anos ou mais? Pra mim, chegar e passar, foi muita coisa, porque principalmente hoje, que eu faço um paralelo, entre eu e a juventude, e muitos jovens não vão chegar a idade que eu estou. Como não estão chegando, devido a violência, outros rumos que eles estão trilhando. Hipertensa eu sou desde os trinta e dois anos, foi da minha última filha que eu tive.

12. Você tem medo de envelhecer? O que acha que vai mudar na sua relação com você mesma e com os outros? Eu não, eu espero envelhecer com saúde, com coragem, porque a gente envelhece o exterior, o meu interior sempre é novo, sempre é jovem.

13. Acha que a idade atrapalha em alguma realização ou não? Em alguns casos dá pra atrapalhar, que as pessoas são muito preconceituosas, a gente vive num mundo de pessoas preconceituosas, hipócritas. Aí, em alguns momentos atrapalha.

14. Acredita que a sociedade impõe um padrão de aparência? Com certeza, como impõe, a sociedade prega uma coisa, e na realidade é outra, totalmente diferente. A sociedade é hipócrita, mentirosa, falsa. Eu acho que a sociedade não deveria nem impor esse padrão de beleza, porque as vezes deixa as pessoas infelizes, porque muitas vezes não alcança esse padrão e se tornam totalmente infelizes, amargas.

15. Você faz algum tipo de dieta, exercícios ou tratamentos pela beleza? Ou se sente pressionada a fazer? Eu não. Eu me sinto muito pressionada a fazer dieta, pra emagrecer mais, até pelo meu próprio médico que me acompanha, pelo meu problema de saúde, mas eu nem ligo pra isso.

DADOS PESSOAIS – entrevista 3

Nome: Vânia

Idade: 42

Estado civil: casada

Filhos (sim) (não): sim

Quantos: 4

Religião: católica

Cidade onde mora: Redenção

Curso: História

Possui outro curso superior?(sim)(não): sim

Qual: Bacharelado em

Humanidades

Raça/cor: parda

Ano de ingresso na Unilab: 2012

TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE

1. Por que você decidiu começar ou fazer outra graduação? É o seguinte, quando eu casei, eu deixei de estudar, eu estava no terceiro ano do ensino médio, e, aí pintou essa... Pra outra cidade, uma cidade do interior, eu morava em uma capital, em Teresina, no Piauí, e como eu vim pra cá, casei e me acomodei, não quis terminar. Eu estava na metade do terceiro ano e parei, aí tive... No primeiro ano eu engravidei, aí tive meu primeiro filho em 1994, aí eu 1995 eu tive outro, em 1996 eu tive outro. Eu quis ter mesmo eles todos juntinhos para que crescessem todos juntos e me dessem menos trabalho, pra afim de que no futuro eu pudesse fazer algo.

Mesmo, eu pensava em estudar realmente porque a dificuldade aqui no interior era muito grande né. Pra gente fazer uma faculdade tinha que ir pra Fortaleza, não tinha a facilidade de locomoção que hoje existe, então... O que eu fiz? Tive os filhos todos de uma vez, e eles foram crescendo, e aí eu pensava em fazer um concurso na prefeitura, só que eu não tinha nem o ensino médio completo, então eu fiz através do CEJA ((Centro de Educação de Jovens e Adultos)), aquele que é... nessa época, a gente fazia só as provas pra concluir o ensino médio, então apagou tudo, todo meu ensino médio que eu tinha feito e comecei do zero né, primeiro, segundo e terceiro ano, e fiz as provas, da primeira vez eu passei em 80% das disciplinas e na segunda vez eu passei no restante, em 20%, e consegui o meu certificado. Quando meu filhos chegaram no nível do ensino médio, aí quiseram/que iam fazer o ENEM, a Unilab já estava aqui né, na cidade, acho que já tinha tido um processo seletivo ou dois, se não me engano. E eles não queriam fazer o ENEM, então pra incentivá-los eu disse, não, pois eu vou fazer. Vamos lá, a gente vai concorrer com nossas notas e tal, aí fiz o ENEM, me inscrevi, sem saber como se inscrevia nem nada, mas não, se é por experiência, eu vou tentar tudo sozinha, ver se dá certo. Deu certo né, me inscrevi, fiz. E aí, eu e meus filhos fizemos, os dois, os dois mais velhos. Quando foi/saiu o resultado, não comentei com ninguém, até porque eu não sabia se tinha sido bem ou não. Aí/mas eu observava que as pessoas comentavam as notas né, e diziam – Ai, eu tirei tanto, eu tirei tanto. Eu – Puxa eu tirei tão mais do que isso, será que a minha nota foi boa mesmo, ou esse povo que foi ruim? Aí passou né, quando foi na hora de se inscrever no SISU ((Sistema de Seleção Unificada)), aí eu disse – Ah vou me inscrever, vamos lá ((nome da filha)), olha é assim que a gente faz, ((nome da filha)) é minha filha. Fiz a minha inscrição, fiz a dela, fiz a do meu outro filho. Tudo isso numa forma de mostrar o caminho pra eles, de incentivar, até porque eles ainda não estavam no terceiro ano né. Fizeram mesmo só por experiência e pra se acostumar com o sistema. Aí passou, então, aí então tinha a primeira chamada do SISU, nessa época tinham duas, agora é só uma né. Teve as duas chamadas do SISU, eu não fui chamada, fiquei em colocações boas, não me recordo qual, mas que não dava/não deu pra entrar na chamada do SISU mesmo, aí vi lá uma janelinha, manifestar interesse na lista de espera, manifestei interesse. Quando manifestei interesse na lista de espera, veio pras universidades, aí eu fui chamada. Eu tava em Fortaleza, eu nem tava acompanhando pelo site, nem sabia que precisava acompanhar, eu achava que quando saísse uma lista, mandava uma carta

ou algo assim. Aí a diretora da escola do meu filho me ligou dizendo que eu tinha passado na UNILAB. Eu – não, que conversa é essa? Só acreditei depois que eu fiz a matrícula, já depois da matrícula feita, eu ainda perguntei – Eu tô mesmo na universidade? Foi por isso, por incentivo aos meus filhos.

2. Por que escolheu esse curso? BHU ((Bacharelado em Humanidades)) pra mim, na época, eu não sabia o que era o BHU, como noventa por cento dos alunos que entram no BHU, não sabem o que é BHU, e aí quando/eu sempre fui uma aluna que gostei mais de exatas, e, pra mim não dava o BHU. Agora como eu tenho uma filha especial, eu não posso estudar de dia, então eu revezo com meus filhos. Eles ficam em casa, enquanto eu estou na faculdade a noite e meu esposo também, quando não está trabalhando fica em casa com ela. Então a minha opção pelo BHU foi apenas porque é a noite aqui, próximo da minha casa, que é a UNILAB, só tem BHU e Letras, e eu nunca/eu sempre gostei muito de escrever, de ler, mas eu não gosto muito das regras do português, eu acho que é uma coisa que você tem que decorar, e eu não gosto muito de decorar nada. Tive muitas dificuldades quando eu entrei no BHU, porque quando eu entrei na primeira aula, história, na segunda aula, história, na terceira aula, história, tudo em torno da história né. A gente tem essa impressão, a gente ainda não sabe quando entra no BHU, distinguir a Antropologia, da Sociologia, da História, e da Pedagogia, a gente acha que tudo é história, como na realidade tudo tem um pouco de história né. Então eu me desesperei, queria sair, mas como de noite, só tinha isso, e restava o português, eu preferi ficar com o BHU.

3. Na sua sala de aula existem outras estudantes na sua faixa etária ou acima? Não. A princípio, na sala que eu estou hoje não tem pessoas da minha faixa etária. No BHU, em umas duas turmas eu tive o prazer de estudar com um aluno que já tinha mais idade, inclusive ele é mais velho do que eu, é o se ((nome do aluno)), acho que você conhece, e acho que só. Agora assim, tinha muitas pessoas/de mulheres/tinham muitas pessoas que apesar de não ter a minha idade se identificavam muito comigo por ser casada, ter filhos, mas que não chegavam aos trinta não.

4. Como se sentiu nos primeiros dias de aula? A respeito disso ((exclusão)) eu nunca tive esse problema, até porque assim, as pessoas quando me veem, percebe realmente que eu sou bem mais velha né que a grande maioria dos alunos, mas quando começam a conversar comigo, aí dizem: - mulher, nem parece que tu tem essa idade que tu tem, parece que é da nossa idade. Então não enfrentei dificuldade não, sempre fui muito comunicativa, sempre gostei de conversar, sempre gostei de tomar a frente. Eu acho que eu tive assim uma vantagem, sabe, em relação aos outros alunos que era me dar melhor com os professores, principalmente os professores mais complicados, mais difíceis.

5. Como é o tratamento dado a você por parte dos colegas de sala ou professores (as)? Fale-me sobre o seu cotidiano na universidade. Há algo que gostaria de destacar? Por parte dos outros colegas, eu consegui me relacionar muito bem com todos eles, inclusive eu fui escolhida a oradora da turma, é no dia do nosso baile fizeram uma homenagem surpresa pra mim, e as vezes eles me chamavam de mãe, tavam lá/era a mãe de todos eles, até mesmo os africanos também, os meninos de África, eu me dei muito bem com eles. Por parte do professor, como eu tava te dizendo, eu tive uma vantagem, porque eu sempre consegui me dar muito bem com todos eles, sem nenhum conflito, principalmente no BHU.

6. Quais são os desafios ou conflitos encontrados no seu percurso universitário? Os meus desafios... o desafio maior foi manter uma rotina de estudos, conciliar casa, filho, bolsa que eu consegui, logo quando entrei, consegui logo uma bolsa, através de processo seletivo, mas consegui, então pra mim foi assim difícil/foi e é um desafio conciliar casa, estudo e trabalho.

7. Quais os planos para depois da graduação, tem algum sonho que deseja realizar? Quando eu terminei a graduação do Bacharelado em Humanidades, aí adentrei no curso de História e apesar/eu espero sinceramente que me abram portas pra lecionar, mas sinceramente eu não pretendo lecionar agora, eu pretendo fazer outro curso, porque realmente eu gosto do ambiente universitário, entendeu? E eu pretendo fazer um curso que eu goste, que é/eu gosto de História, não acho/apesar de ter entrado odiando História, hoje eu gosto da História, mas eu queria assim,

fazer um curso que eu sinta que eu me identifique com ele, então eu espero sinceramente que com o passar desses três anos né, da licenciatura eu tenha oportunidade de cursar um curso que eu realmente gosto, como a Enfermagem ou alguma coisa de exatas. Mas principalmente Enfermagem. Porque eu me senti muito frustrada porque eu passei pra Enfermagem e como eu já tava terminando o BHU, tanto eu achei um desperdício eu sair do BHU, já em apresentação de TCC, como não daria pra conciliar de forma alguma, porque a minha filha faz Agronomia aqui também, e ela estuda o dia inteiro, e ela é a pessoa que mais me ajuda com a filha especial que eu tenho em casa, então foi impossível pra mim, mas eu pretendo um dia fazer.

RELAÇÕES FAMILIARES

8. Como seus familiares reagiram quando você disse que iria iniciar ou fazer outra graduação? Meu marido, de início ele relutou um pouco por que... É/ele já tava muito acostumado a me ter lá em casa, o tempo inteiro né, só pra ele e pros filhos e pra casa porque realmente eu só vivia pra eles e não tinha nenhuma outra atividade fora de casa, não trabalhava nada. Até a conclusão do meu ensino médio eu estudei em casa, fiz a prova, ia/fui só fazer a prova e voltei. Foram só dois dias de prova e vinha embora. Então, ele de início ele relutou um pouco, mas depois que ele viu que todo mundo tava me parabenizando e todo mundo muito feliz porque eu tinha passado, a família inteira... eu servi assim de exemplo pra muitas pessoas da minha família mais novas que eu, que após eu entrar na faculdade, eles – Ah se ela pode, eu também posso! E eu sempre dei força pra todos eles, que eles podiam e tinham como fazer e hoje tem/quase todo mundo da família faz faculdade. Meus dois filhos estudam aqui, eu, tem várias primas que estudam aqui, eu tenho prima já que se formou essa semana em Medicina.

9. Como é a relação familiar? Quais as suas atribuições ao lar e com quem ficam as tarefas domésticas? Na minha casa? É... comigo. Ajudam na medida do possível, mas a maior parte é comigo porque como o meu curso é noturno, aí então de dia antes de vir pra cá, a minha bolsa é sempre a tarde, são três dias da semana na parte da tarde e de manhã eu faço tudo em casa, deixo tudo ajeitadinho e venho

pra universidade, aí eles fazem as outras partes quando eu não tô em casa, mas a maior parte é comigo. Até porque, quem me ajudava mesmo, bastante, era a minha filha, mas ela/o curso de Agronomia aqui da UNILAB é muito pesado, puxado, é o dia inteiro, final de semana, não tem folga não, então sou eu mesmo que faço.

CORPOREIDADE

10. Como você se vê? Mudaria alguma coisa em seu corpo? Se essa entrevista tivesse sido ano passado, eu diria que sim, que eu queria emagrecer, mas como eu já emagreci doze quilos. Não, não mudaria nada no meu corpo, tô satisfeita. Já emagreci o que eu tinha, faltam ainda alguns quilinhos, mas muito pouco porque também quando a gente chega a uma certa idade, não se deve emagrecer demais porque envelhece.

11. O que significa para você chegar aos 40 anos ou mais? Sinceramente, eu não me vejo com uma pessoa de quarenta anos, até as vezes eu penso assim – gente, quarenta e dois anos. poxa! Eu realmente não me vejo como uma pessoa dessa idade, não que eu não aceite ter essa idade, mas é porque pra mim não influenciou muito. Aliás eu vivi os meus melhores momentos, próximo aos quarenta e depois dele, que foi o meu momento de ascensão na minha vida profissional, na minha carreira, foi quando eu entrei na faculdade, foi quando eu pude cursar uma faculdade, foi com todos os êxtases que um aluno pode ter né, assim, sempre tando/sendo referência pra outras pessoas, sempre sendo aquela pessoa que, quando todo mundo precisa é pra onde correm, é, é... eu gosto dessa parte de socorrer os meus amigos, de ajudar os meus amigos, de encaminhar eles, de incentivar, que ó – se eu pude, você também pode, se eu não tenho nem tempo de estudar e tô podendo, como é que você também não vai ter? Então pra mim eu não tive essa crise dos quarenta, que as pessoas falam, talvez eu tenha nos cinquenta né, que eu devo tá em casa já. Talvez ela chegue pra mim, mas a minha idade realmente não me causou impedimento algum de fazer nada do que eu tenho vontade.

12. Você tem medo de envelhecer? O que acha que vai mudar na sua relação com você mesma e com os outros? Não... eu não vou envelhecer nunca, eu vou sempre ter/o corpo vai envelhecer, mas a minha mente, a minha alma vai ser pra sempre jovem. A minha filha diz assim – aff maria mãe, tu só quer ser novinha, porque a maioria dos amigos dela, são meus amigos e a maioria deles prefere a mim que ela porque eu gosto muito de falar, de conversar, sair e ela é mais caladinha.

13. Acha que a idade atrapalha em alguma realização ou não? Não sei quanto ao mercado de trabalho né, porque o que escuto dizer é que realmente há uma pequena restrição, apesar do que se prega de não haver, mas na realidade quando se vê lá uma mais nova e uma mais velha isso deve pesar em alguma coisa, mas até o momento eu não encontrei nenhum tipo de coisa assim.

14. Acredita que a sociedade impõe um padrão de aparência? Sim, impõe um padrão tanto da aparência física, como no comportamento, na maneira de falar, na maneira de se relacionar.

15. Você faz algum tipo de dieta, exercícios ou tratamentos pela beleza? Ou se sente pressionada a fazer? Não, de beleza a única coisa que eu faço mesmo é no cabelo, de vez enquanto eu faço um/mas eu, assim, eu sou bem relaxada, não sou dessas pessoas muito obcecada pela imagem não. E faço um acompanhamento nutricional, eu comecei a fazer quando foi perto da formatura, quando me escolheram pra ser oradora, que eu fiquei me imaginado naquela beca, com aquele negócio na cintura, eu – gente, eu vou ficar parecendo um saco de batata amarrado, então eu vou ver se eu dou uma emagrecida, aí emagreci pra minha formatura eu emagreci oito quilos e aí continuei com a dieta, hoje eu perdi doze quilos e meio, mas fora isso/o que eu faço é isso, acompanhamento nutricional, faço caminhadas, mais falta do que vou, porque tá muito corrido esse início de curso. Sinceramente eu precisava muito por conta da saúde, mas o que mais me motivou foi a imagem porque eu fiquei realmente me imaginado lá em cima falando pra um monte de gente, porque a princípio seria uma cerimônia grandiosa/foi uma cerimônia grandiosa, mas ela seria maior né, porque havia a confirmação que o ex-presidente Lula viria, então eu fiquei me imaginando lá, eu tão gorda que não ia ter bata que me

abarcasse ((risos)), que coubesse em mim, aí realmente o ponta pé inicial foi por conta da estética, mas que eu já sabia que eu precisava porque eu tenho problema nos meus joelhos e meu ortopedista já havia me dito que de nada adiantava o tratamento se eu não emagrecesse.